Português

Figuras de Linguagem - Figuras de Linguagem - [Fácil]

01 - (ITA SP)

É terminantemente proibido animais circulando nas áreas comuns a todos, principalmente para fazerem suas necessidades fisiológicas no jardim do condomínio, onde pode por em risco a saúde das crianças que ali brincam descalças.

(Extraído de um relatório de prestação de contas da administração de um prédio.)

Assinale a opção que apresenta figuras de linguagem presentes no texto:

a) Pleonasmo e eufemismo.

b) Metonímia e eufemismo.

c) Pleonasmo e polissíndeto.

d) Pleonasmo e metonímia.

e) Eufemismo e polissíndeto.

02 - (UNIFOR CE)

A expressão sublinhada identifica-se como figura de estilo em:

a) *os leigos sempre se medicaram por conta própria.*

b) *retira oitenta por cento de seu faturamento da venda livre de seus produtos.*

c) *a maioria das pessoas se automedica por sugestão de amigos.*

d) *qualquer farmácia conta com um arsenal de armas de guerra.*

e) *alertar a população para os perigos ocultos em cada remédio.*

03 - (Mackenzie SP)

Assinale a afirmação correta.

a) Em *Ouvirei o martelo do ferreiro Bater* tem-se uma metonímia.

b) A primeira estrofe particulariza a idéia geral da segunda estrofe.

c) *Ouvirei o martelo do ferreiro* denota circunstâncias de causa para o fato de acordar.

d) A conjunção *Mas*, que aparece na primeira estrofe, estabelece oposição entre “monotonia” e “intranqüilidade”.

e) O verso *Os elementos mais cotidianos* remete às experiências mais simples, menos valorizadas pelo “eu” lírico.

04 - (FEI SP)

"Em tristes sombras morre a formosura,

em contínuas tristezas a alegria"

Nos versos citados acima, Gregório de Matos empregou uma figura de linguagem que consiste em aproximar termos de significados opostos, como "tristezas" e "alegria". O nome desta figura de linguagem é:

a) metáfora

b) aliteração

c) eufemismo

d) antítese

e) sinédoque

05 - (UERJ)

Apenas OLHARES CARCOMIDOS PELA FOME, em frente aos barracos,...

A dramaticidade da caracterização dos habitantes da favela é alcançada neste trecho por meio da figura de linguagem denominada:

a) antítese

b) anacoluto

c) pleonasmo

e) metonímia

06 - (PUC MG)

Em todas os trechos retirados de "Memórias Sentimentais de João Miramar" ocorre metonímia, EXCETO:

a) "Um cônsul do Kaiser em Buenos Aires viajava como uma congregação."

b) "No quarto de dormir ralhos queridos não queriam que eu andasse com meu primo."

c) "As barbas alemãs de um médico beijavam cerimoniosas mãos de atrizes."

d) "Apitos na cabina estranha estoparam o Marta na madrugada."

07 - (Mackenzie SP)

Socorro

Alguém me dê um coração

Que este já não bate nem apanha.

Arnaldo Antunes e Alice Ruiz

Assinale a alternativa correta.

a) Apanhar pode ser entendido como "sofrer", o que inviabiliza a compreensão de bater como "pulsar".

b) O terceiro verso qualifica o termo coração e, portanto, do ponto de vista sintático, é uma oração adjetiva.

c) O terceiro verso funciona como explicação para o pedido de socorro e, pela lógica, deveria ser o segundo verso do texto.

d) A utilização do verbo apanhar contribui para a combinação de dramaticidade e humor do texto.

e) O terceiro verso fornece um exemplo da idéia veiculada no segundo, de necessidade de um novo órgão físico.

08 - (PUC SP)

Verdes mares bravios de minha terra natal, onde canta a jandaia nas frondes da carnaúba;

Verdes mares que brilhais como líquida esmeralda aos raios do sol nascente, perlongando as alvas praias ensombradas de coqueiros;

Serenai, verdes mares, e alisai docemente a vaga impetuosa para que o barco aventureiro manso resvale à flor das águas.

Ainda no mesmo texto, o uso repetitivo da expressão VERDES MARES e os verbos SERENAI e ALISAI, indicadores de ação do agente natural, imprimem ao trecho um tom poético apoiado em duas figuras de linguagem:

a) anáfora e prosopopéia.

b) pleonasmo e metáfora.

c) antítese e inversão.

d) apóstrofe e metonímia.

e) metáfora e hipérbole.

09 - (PUC RJ)

As figuras de linguagem presente em:

"E quem se priva a si do mais belo sentimento (...)"

"Ela imperava em mim como soberana absoluta."

"(...) e fazia em minha alma a luz e a treva."

são respectivamente:

a) metáfora, símile e prosopopéia.

b) pleonasmo, silepse e antítese.

c) catacrese, símile e antítese.

d) pleonasmo, símile e antítese.

e) pleonasmo, metáfora e metonímia.

10 - (PUC SP)

Assinale, nas alternativas abaixo, o trecho que indica a presença de uma gradação.

a) “E as flores rubras, vermelhíssimas, ofuscantes, queimando os olhos, escaldantes de vermelhas, cor de guelras de traíra, de sangue de ave, de boca e bâton.”

b) “E, nas ilhas, penínsulas, istmos e cabos, multicrescem taboqueiras, tabuas, taquaris, taquaras, taquariúbas, taquaratingas e taquarassus.”

c) “E, pois, foi aí que a coisa se deu, e foi de repente, [...] um ponto, um grão, um besouro, um anu, um urubu, um golpe de noite... E escureceu tudo.”

d) “Vou. Pé por pé, pé por si... Pèporpé, pèporsi... Pepp or pepp, epp or see …Pêpe orpèpe, heppe Orcy…”

e) “Debaixo do angelim verde, de vagens verdes, um boi branco, de cauda branca. E, ao longe, nas prateleiras dos morros cavalgavam-se três qualidades de azul.”

11 - (UEPB)

“VENCE MAIS UMA, BRASIL.

NO CAMPO DA VACINAÇÃO, CADA VEZ MAIS SÓ DÁ BRASIL.

ESTE ANO, VAMOS JUNTOS BATER MAIS UM RECORDE.

O Brasil não registra mais nenhum caso de paralisia infantil. Graças ao trabalho de mais de 400 mil servidores de saúde e voluntários e de milhões de famílias, ano passado conseguimos bater mais um recorde histórico: 16,5 milhões de crianças foram vacinadas. Este ano, a vacinação do idoso também bateu recorde de cobertura. Mais que motivos de orgulho, estas marcas colocam o Brasil como

campeão da vacinação. Agora não vamos dar chance, porque o jogo continua. **Dia 11 de junho, leve seus filhos menores de 5 anos ao posto de vacinação mais próximo.** É de graça e não se esqueça de levar o cartão da criança. Vamos continuar ganhando esse jogo."

(Propaganda, Veja, n. 23, ano 38, 08 de junho/05)

Em relação ao texto acima, podemos afirmar:

I Implicitamente às frases: "O Brasil não registra mais nenhum caso de paralisia infantil" e "Este ano, a vacinação do idoso também bateu recorde de cobertura.", temos as seguintes informações – "O Brasil registrava, antes, casos de paralisia infantil.", na primeira, e "o número de vacinação de idosos era menor.", na segunda.

II A expressão MAIS deixa o mesmo conteúdo implícito nas 3 (três) ocorrências abaixo:

"Vence MAIS uma, Brasil",

"MAIS que motivos de orgulho, estas marcas colocam o Brasil como campeão"

"Graças ao trabalho de MAIS de 440 mil servidores de saúde e voluntários".

III Em "o jogo continua" e "Vamos continuar ganhando", inferimos a informação de que o Brasil ganhou pelo menos uma vez, devido ao emprego da expressão GANHANDO.

IV O recurso da intertextualidade, presente no emprego de palavras como JOGO, CAMPO, GOLEADA, RECORDE, CAMPEÃO, BATER E VENCER, da esfera futebolística, empresta ao texto um caráter metafórico.

Assinale a alternativa (de **a** a **e**) que se adequa ao texto:

a) Apenas a proposição II está correta.

b) As proposições II e IV estão corretas.

c) Apenas a proposição III está correta.

d) Apenas a proposição IV está correta.

e) As proposições I e IV estão corretas.

12 - (ETAPA SP)

A conclusão a que chega o narrador traz uma figura de linguagem bastante utilizada por Machado de Assis. Trata-se da:

a) aliteração

b) prosopopéia

c) metáfora

d) ironia

e) metonímia

13 - (UNAERP SP)

OS PESCOÇUDOS – Caco Galhardo

A partir da leitura da tirinha de Caco Galhardo, assinale a opção que identifica a função de linguagem predominante no texto:

a) poética

b) metalingüística

c) referencial

d) emotiva

e) conativa

14 - (UEG GO)

Leia o fragmento poético abaixo:

Estão mortas as mãos daquela Dona...

Estão mortas as mãos daquela Dona,

Brancas e quietas como o luar que vela

As noites romanescas de Verona

E as barbacãs e torres de Castela...

GUIMARAES, Alphonsus de. *Melhores poemas*. São Paulo: Global, 2001. p. 112.

Os recursos simbolistas em busca da sugestão de sensações, utilizados pelo poeta na referida estrofe, foram, respectivamente,

a) metáfora e antítese.

b) catacrese e eufemismo.

c) metonímia e comparação.

d) paradoxo e personificação.

15 - (UPE)

Texto C

A ROSA DE HIROXIMA

Pensem nas crianças

Mudas telepáticas

Pensem nas meninas

Cegas inexatas

Pensem nas mulheres

Rotas alteradas

Pensem nas feridas

Como rosas cálidas

Mas oh não se esqueçam

Da rosa da rosa

Da rosa de Hiroxima

A rosa hereditária

A rosa radioativa

Estúpida e inválida

A rosa com cirrose

A anti-rosa atômica

Sem cor nem perfume

Sem rosa sem nada.

Vinícius de Morais, Obra poética, Volume único, Rio de Janeiro, Cia. José Aguilar, 1968, pp. 350-351.)

A análise do poema de Vinícius revela, em sua composição, o uso dos seguintes recursos estéticos, textuais e lingüísticos.

I. A palavra que mais se repete no poema corresponde à palavra-chave que, metaforicamente, se refere ao objeto focalizado pelo poeta.

II. O poema apresenta a formulação de um monólogo; por isso, faltam marcas lingüísticas explícitas de que há um suposto interlocutor.

III. A condição da maternidade afetada pela catástrofe em foco aparece sugerida na alusão a “rotas alteradas”; um recurso estético que tem subjacentes elementos de comparação.

IV. O verso “Mas oh não se esqueçam” tem a força expressiva de um apelo; o elemento destacado reforça esse efeito. Um efeito em harmonia com a temática do poema.

V. Nos últimos versos do poema, predominam seqüências descritivas; não há elementos lingüísticos que sugiram tópicos narrativos.

As observações estão corretas apenas nos itens:

a) I e II.

b) II e III.

c) I, II e III.

d) I, III, IV e V.

e) III, IV e V.

16 - (UEPB)

Observe o texto abaixo:

Ourocard
VISA
Quem tem Ourocard leva a vida leve. Leve, porque ele é prático e não pesa no bolso. Leve, porque você pode ter dois Ourocard, Visa e Mastercard, pelo preço de um, e porque o limite vale para seus dois cartões. Assim você usa, a cada compra, o Ourocard que estiver na melhor data para você. Leve, porque dá um alívio no seu orçamento: você ganha mais prazo, divide em mais parcelas e conta com uma das melhores taxas do mercado. Leve, enfim, porque é do Banco do Brasil e todo mundo conhece. Ourocard. Leve com você. Sempre.
Ourocard. Leve a vida leve.

Com relação ao slogan OUROCARD. LEVE A VIDA LEVE, pode-se afirmar que

I. aproveita-se da função poética da linguagem, por usar o mesmo significante com significados e classes gramaticais diferentes.

II. a presença da aliteração contribui para a função poética do texto.

III. o emprego da forma verbal no imperativo justifica enquadrar-se o texto na função apelativa da linguagem.

IV. o uso do ponto (.) após a palavra OUROCARD é injustificável, por não se tratar de frase.

V. o **e** final da palavra **leve,** em ambas as ocorrências, tem a mesma classificação mórfica.

Com relação às proposições acima, pode-se afirmar que

a) estão corretas apenas I e II

b) estão corretas apenas IV e V

c) estão corretas apenas I, II e III

d) estão corretas apenas II e III

e) estão corretas apenas I, III, V

17 - (UFAC)

Na frase "Os olhos de Potira estão tristes porque Oiti, seu esposo, desceu o rio para combater uma tribo inimiga", ocorre uma figura de linguagem que consiste no uso de uma palavra "para designar alguma coisa com a qual mantém uma relação de proximidade ou posse". Identifique essa figura.

a) metáfora

b) metonímia

c) antítese

d) eufemismo

e) ironia

18 - (PUC SP)

Iracema, a virgem dos lábios de mel, que tinha os cabelos mais negros que a asa da graúna, e mais longos que seu talhe de palmeira. O favo da jati não era doce como seu sorriso; nem a baunilha recendia no bosque como seu hálito perfumado

(...) Cedendo à meiga pressão, a virgem reclinou–se ao peito do guerreiro, e ficou ali trêmula e palpitante como a tímida perdiz (...) A fronte reclinara, e a flor do sorriso expandia-se como o nenúfar ao beijo do sol (...). Em torno carpe a natureza o dia que expira. Soluça a onda trépida e lacrimosa; geme a brisa na folhagem; o mesmo silêncio anela de opresso. (...) A tarde é a tristeza do sol. Os dias de Iracema vão ser longas tardes sem manhã, até que venha para ela a grande noite.

Os fragmentos acima constroem-se estilisticamente com figuras de linguagem, caracterizadoras do estilo poético de Alencar. Apresentam eles, dominantemente, as seguintes figuras:

a) comparações e antíteses.

b) antíteses e inversões.

c) pleonasmos e hipérboles.

d) metonímias e prosopopéias.

e) comparações e metáforas.

19 - (UFG GO)

Leia o texto.

Plutão foi rebaixado porque não satisfaz a condição referente à limpeza da vizinhança planetária – sua órbita cruza a de Netuno, que é muito maior. Isso significa que, nos primórdios do Sistema Solar, ele não teve força gravitacional para engolir os corpos nos seus arredores.

FOLHA DE S. PAULO. São Paulo, 25 ago. 2006. Ciência, p. A20. [Adaptado].

No texto acima, o sentido dos termos limpeza e engolir é construído de modo

a) categórico, pois dizem respeito a expressões relativas à astronomia.

b) intertextual, pois relacionam descobertas científicas ao discurso da astrologia.

c) metafórico, pois se atribuem a corpos celestes ações relativas a seres animados.

d) irônico, pois enfatizam a inadequada inclusão de Plutão na categoria “planeta”.

e) contraditório, pois as informações são incompatíveis com o conhecimento científico.

20 - (UNIPAR PR)

Aponte a figura de linguagem: “Naquela terrível luta, muitos adormeciam para sempre.”

a) eufemismo

b) antítese

c) anacoluto

d) prosopopéia

e) pleonasmo

21 - (FFALM PR)

Para pôr musicalidade nas palavras, o poeta emprega alguns recursos de linguagem chamados de Figuras de Harmonia, como, por exemplo, a aliteração e a assonância. Qual alternativa define aliteração?

a) Emprego repetitivo da conjunção entre as orações de um período.

b) Repetição de um som consonantal em uma seqüência de palavras.

c) Repetição da própria palavra ou da idéia contida nela.

d) Repetição de uma mesma palavra no começo de frases ou versos.

e) Exagero intencional com o fim de intensificar a expressividade.

22 - (ITA SP)

Assinale a opção em que a frase apresenta figura de linguagem semelhante ao da fala de Helga no primeiro quadrinho.

HAGAR - Dik Browne
MEU BEM, VOCÊ PODE REMOVER O EXCESSO DE ALIMENTOS DA NOSSA RESIDÊNCIA?
CLARO, MEU BEM.
ELA SEMPRE FALA ASSIM QUANDO TEMOS VISITAS...

(Em: Folha de S. Paulo, 21/03/2005.)

a) O país está coalhado de pobreza.

b) Pobre homem rico!

c) Tudo, para ele, é nada!

d) O curso destina-se a pessoas com poucos recursos financeiros.

e) Não tenho tudo que amo, mas amo tudo que tenho.

23 - (UDESC SC)

Leia atentamente as afirmativas abaixo, em relação ao livro Relatos de sonhos e lutas, de Amílcar Neves.

I. “Ao perguntar-me afirmativamente se era o de sempre, o Domecq que tanto demonstrara apreciar, desapontei-o”. (p.15) A palavra destacada é uma metonímia, figura de linguagem que consiste na substituição de um termo por outro.

II. “... seus negros cabelos que desabavam conveniências e prudências quando ela os soltava em cascatas sobre os ombros insinuantes...” (p.19) cascata representa uma prosopopéia; consiste em atribuir características de seres animados a seres inanimados.

III. “Em atenção à mais cristalina verdade, porém, necessito afirmar categoricamente que não pensei em nenhuma dessas envolventes e benvindas visitas.” (p.22) O termo em destaque constitui uma metáfora, que consiste em empregar uma palavra fora do seu sentido normal, demonstrando uma semelhança entre seres.

IV. “Não pensei em ti, criatura de carne e osso, de sangue a pulsar forte e agitado nas veias, ...” (p.23) A expressão destacada é uma catacrese; consiste em utilizar termo já existente e com significação própria, em outro sentido, por falta de palavras que expressem o que se quer dizer.

V. “Antes de dobrar a primeira curva da escada, enquanto observo fascinado a boca chupada dos sem-dentes e a rala floresta de cabelos azulados de tão brancos...” (p.25) Os termos destacados constituem perífrase; pois ela exprime por meio de uma expressão, um conceito que poderia ser transmitido pelo emprego de uma palavra ou nome.

Assinale a alternativa correta.

a) Somente as afirmativas I e III são verdadeiras .

b) Somente as afirmativas III, IV e V são verdadeiras.

c) Somente as afirmativas II, III e V são verdadeiras.

d) Somente as afirmativas II e IV são verdadeiras.

e) Somente as afirmativas I, II, IV e V são verdadeiras.

24 - (UDESC SC)

Gradação é uma figura de pensamento que consiste em dispor as idéias em ordem crescente (clímax) ou decrescente (anticlímax).

Assinale, dentre os textos abaixo, extraídos da obra Relatos de sonhos e lutas, a alternativa que não apresenta exemplo de gradação.

a) "...batem, torturam, mutilam, asfixiam, enforcam, escamam as unhas e devastam os cabelos, castram e matam..." (p.95)

b) "...e ainda assim lutamos, brigamos, guerrilhamos, rasgamos nossas veias para que nosso sangue adube esta terra que tanto amamos..." (p.94)

c) "...os laudos falam em infartos, derrames, ataques cardíacos, cânceres tenebrosos, embolias, esquizofrenias agudas, stresses e desajustes." (p.95)

d) "...estas servem apenas para destruir o homem, para arrasá-lo, aniquilá-lo, reduzi-lo a um nada teledirigido..." (p.94)

e) "Nada disso: simplesmente desejamos a justiça, almejamos a liberdade, sofremos pela paz, morremos pela verdade..." (p.94)

25 - (UFRN)

Constata-se uso de personificação no seguinte fragmento do Livro de poemas de Jorge Fernandes:

a) "O dia acorda bochecha água fina em

[cima das árvores

Que ficam pesadas e contentes..."

b) "E as cobras e os tejus, toda versidade

[de bichos

Se estorce correndo das locas"

c) "O mistério sombrio dos sítios cheios

[de cajueiros

Carregados de cajus todos virgulados

[de castanhas"

d) "Té-téu – canela fina –

Vive para despertar todos os bichos do

[campo..."

TEXTO: 1 - Comum à questão: 26

O mundo já testemunhou uma verdadeira guerra contra a introdução de novas tecnologias no local de produção. O movimento dos **luddities** da Inglaterra destruiu máquinas e equipamentos por achar que as tecnologias que fizeram a Revolução Industrial destruiriam o trabalho. Nos dias de hoje, ainda há quem atribua às tecnologias a causa do desemprego. É comum citar a destruição de postos de trabalho provocada por uma colheitadeira que dispensa centenas de trabalhadores rurais.

Essa análise não encontra respaldo na realidade. Uma nova tecnologia pode ter um impacto direto destrutivo e outro indireto construtivo, ao reduzir postos de trabalho onde entra e criar oportunidades de trabalho em outros setores. É verdade que isso não acontece automaticamente. Os impactos são mediados pelo tipo de administração, pelo ambiente institucional e pelas regras da economia.

Quando novas tecnologias são incorporadas por empresas bem administradas e são usadas para baixar os preços e instigar a demanda de bens e serviços novos, os impactos positivos são enormes. Em 1960, uma ligação telefônica de três minutos entre o Brasil e os Estados Unidos custava cerca de US$ 45,00 (em valores de 2001); hoje, custa menos de US$ 3,00, graças ás inovações tecnológicas. Isso intensificou o volume das transações comerciais, o que, por sua vez, ampliou os investimentos e o emprego.

A história mostra que o emprego aumenta quando a produtividade se eleva. Por outro lado, uma empresa que perde produtividade deixa de competir, destruindo empregos.

(O Estado de S. Paulo, A3, 29/12/01)

26 - (UNIFOR CE)

Há, no primeiro parágrafo do texto, o uso predominante de uma figura de estilo que é:

a) a personificação.

b) a onomatopéia.

c) a metáfora.

d) a perífrase

e) o eufemismo.

TEXTO: 2 - Comum à questão: 27

Gostava de jipe, não de automóvel, e dirigia com extrema cautela. Evitava o centro urbano, e quando tinha de ir até lá, descrevia longas voltas e terminava a pé, para não se expor ao tráfego desembestado das ruas principais. Os filhos riam, pondo em dúvida sua capacidade no volante. Mas todos arrebentavam a máquina, ao usá-la, e ele tinha como pequena glória nunca ter dado uma batida.

Como pequena glória. Porque as maiores eram as que lhe vinham do sítio. Possuíra fazenda, agora tinha sítio. E ficava feliz quando o jipe tropicador o levava para a modesta pasárgada. Esquecendo-se da idade, punha exagero de moço – trinta anos depois – em capinar, plantar, podar; se chovia, plantava mentalmente. Orgulhava-se de produzir não só frutas tropicais como subtropicais. Um cruzamento de espécies, determinando novo sabor, nova forma ou colorido, era uma festa para ele. O sítio confinava com uma fazenda; matava saudades do antigo latifúndio ouvindo, à distância, o vozeio dos vaqueiros, o urro do jumento, pontual como um relógio.

Bacharel? Sim, fizera o curso de Direito, tirara diploma, se necessário lutava contra empresas poderosas, e vencia, sem ligar muito a isso. Guardava os livros essenciais ao exercício da profissão, só esses, no pequeno armário envidraçado. Sua consulta constante era às sementes, à terra, ao tempo; nem se lembrava mais de que, na mocidade, cultivara as letras, escrevera poemas em prosa neo-simbolistas, induzira o irmão menor a seguir o ofício de juntar palavras. Em 1959 bateu um recorde negativo, escrevendo só quatro cartas, profissionais e concisas.

Anos e anos escoados na cidadezinha natal, entre problemas pequenos e grandes que nunca se resolviam. [...] Mudou de terra e de vida.

Carlos Drummond de Andrade

27 - (UNIFOR CE)

Ocorre uma metáfora em:

a) *o levava para a modesta pasárgada.*

b) *todos arrebentavam a máquina.*

c) *Um cruzamento de espécies, determinando novo sabor.*

d) *o urro do jumento, pontual como um relógio.*

e) *guardava os livros essenciais ao exercício da profissão.*

TEXTO: 3 - Comum à questão: 28

Natal 1961

Deslocados por uma operação burocrática – o recenseamento da terra – a Virgem e o carpinteiro José aportam a Belém.

"Não há lugar para essa gente", grita o dono do hotel onde se realiza um congresso internacional de solidariedade.

O casal dirige-se a uma estrebaria, recebido por um boi branco e um burro cansado do trabalho.

Os soldados de Herodes distribuem elementos radioativos a todos os meninos de menos de dois anos.

Uma poderosa nuvem em forma de cogumelo abre o horizonte e súbito explode.

O menino nasce morto.

(Murilo Mendes. Conversa portátil. Poesia completa e prosa. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. p. 1486)

28 - (UNIFOR CE)

No segundo parágrafo, a fala do dono do hotel e a menção ao congresso internacional de solidariedade articulam-se de modo a constituir uma:

a) metáfora.

b) ironia.

c) metonímia.

d) comparação.

e) hipérbole.

TEXTO: 4 - Comum à questão: 29

Navegava Alexandre em uma poderosa armada pelo mar Eritreu a conquistar a Índia, e como fosse trazido à sua presença um pirata, que por ali andava roubando os pescadores, repreendeu-o muito Alexandre de andar em tão mau ofício; porém ele, que não era medroso nem lerdo, espondeu assim: Basta, senhor, que eu, porque roubo em uma barca, sou ladrão, e vós, por que roubais em uma armada, sois imperador? Assim é. O roubar pouco é culpa, o roubar muito é grandeza; o roubar com pouco poder faz os piratas, o roubar com muito, os Alexandres.

Padre Antônio Vieira

29 - (Mackenzie SP)

Encontra-se no texto figura de linguagem típica do estilo seiscentista.

Trata-se de:

a) metáfora, presente em *o roubar com muito, os Alexandres*.

b) hipérbato, presente em *porém ele, que não era medroso nem lerdo, respondeu assim*.

c) antítese, presente em *O roubar pouco é culpa, o roubar muito é grandeza*.

d) hipérbole, presente em *repreendeu-o muito Alexandre de andar em tão mau ofício*.

e) sinestesia, presente em *o roubar com pouco poder faz os piratas, o roubar com muito, os Alexandres*.

TEXTO: 5 - Comum à questão: 30

JOÃO sem terra

Viajar para a lua?

Complexo de quem gostaria de não ter nascido na Terra.

Não dele, para quem a lua é rural.

Tem a forma de uma foice ou de um fruto.

Não dele, João sem terra mas sujo de terra.

Procurar outra terra?

Mas em outra terra a mesma lua, a mesma foice o mesmo coice, a mesma condição de João sem terra e - paradoxalmente -

João sujo de terra, sub-João.

Enterro e desterro palavras que só se escrevem na Terra com terra.

Poderia ter nascido em outro planeta, por exemplo: onde não houvesse terra.

Onde não vivesse tão sujo de terra.

Mas não; nasceu na Terra.

No fundo do latifúndio os cães latindo.

João sem terra mas sujo de terra.

Corroído pelo pó da terra.

Vestido de chuva e de sol.

Girassol que erra de terra em terra.

O seu suor em flor mas para o senhor feudal da terra.

Sem terra mas na Terra.

Sem terra mas sujo de terra.

Não o João Sem Terra da loura Inglaterra.

RICARDO, Cassiano. Jeremias sem-chorar. 2. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio. 1968.141 p.João Sem Terra: Rei da Inglaterra (1199-1216) que assinou a Carta Magna em junho de 1215.

30 - (UNIRIO RJ)

Para terminar a seqüência descritiva de João sem terra, o eu-lírico emprega, enfaticamente, no quarto verso da última estrofe, a figura de palavra denominada:

a) eufemismo

b) catacrese

c) metonímia

d) ironia

e) metáfora

TEXTO: 6 - Comum à questão: 31

Primaveras na Serra

Claridade quente da manhã vaidosa.

O sol deve ter posto lente nova,

e areou todas as manchas,

para esperdiçar luz.

Dez esquadrilhas de periquitos verdes
receberam ordem de partida,
deixando para as araras cor de fogo,
o pequizeiro morto.
E a árvore, esgalhada e seca, se faz verde,
vermelha e castanha, entre os mochoqueiros,
braúnas, jatobás e imbaúbas do morro,
na paisagem que um pintor daltônico
pincelou no dorso de um camaleão.

E o lombo da serra é tão bonito e claro,
que até uma coruja,
tonta e míope na luz,
com grandes óculos redondos,
fica trepada no cupim, o dia inteiro,
imóvel e encolhida, admirando as cores,
fatigada, talvez, de tanta erudição...

ROSA, João Guimarães. "Magma". Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997. p. 141.

31 - (UFRRJ)

O verso que encerra uma metáfora é:

a) "vermelha e castanha, entre os mochoqueiros,"

b) "E o lombo da serra é tão bonito e claro,"

c) "o pequizeiro morto."

d) "fica trepada no cupim o dia inteiro,"

e) "imóvel e encolhida, admirando as cores,"

TEXTO: 7 - Comum à questão: 32

O FORTE

As amuradas, plantadas no chão, fecham o pátio. Os corredores são galerias adentro dos paredões de pedra, levam aos antigos depósitos e às prisões, estabelecem as comunicações entre os alojamentos. No centro, bem no centro, a terra nua. Quase um castelo assim em seu tamanho, altas suas torres de vigia, deve pesar como uma montanha. Erguendo-se na colina, quadrado pelos muros que sobem, vê as ladeiras, as ruas, as praças. E, muito embaixo, o mar de saveiros e o oceano aberto. Os canhões enferrujados, para o mar, voltados já estiveram. Poder-se-ia dizer, e sem mentir, que a Bahia cresceu com ele.

Largos são os passeios que o rodeiam e neles a multidão passa durante o dia, descendo e subindo, o ar cheio de barulho. Caminho de muitos, as ladeiras saindo dos quatro cantos, sua sombra escurece os sobrados de azulejos. O portão, na verdade uma cancela gigantesca, range quando se abre. Por cima, nas manhãs de domingo, saíam os cantos dos sinos de sua capela. É possível vê-la, encostada ao pátio, ameaçando cair. Baixa, as paredes esburacadas, as telhas partidas. E por cima também escapavam, nos velhos tempos, as ordens das cornetas, os rumores das marchas, as algazarras do rancho.

A terra nua, no pátio, tem a cor do cobre. Sustenta, porém, as três árvores. Espalhadas, os troncos grossos, ganharam altura. Levantam-se como se o Forte fosse um convento, tranqüilas, moradia de pássaros. Os ventos altos, vindos do mar, não têm forças para agitá-las. E, no verão, sua sombra é pouso. Faz bem vê-las, assim nos recantos, folhas cobrindo o chão. O pico da colina está coberto. A carcaça imensa, o labirinto por dentro, torres e colunas, os fundos alicerces plantados na rocha. Construído aos pedaços, alargando-se e subindo, sua dureza fere os olhos. O ar, porém, é

livre. E abriga, quando o vento não falta, os cheiros da Bahia. Os torreões aprumados, como braços erguidos, apontam o céu de estrelas e paz.

(ADONIAS FILHO, O Forte.)

32 - (FESO RJ)

Assinale o procedimento NÃO observado quanto à linguagem empregada.

a) Emprego de metáforas.

b) Significativo uso de adjetivação que configura os elementos descritos.

c) Omissão de verbo na construção de frase.

d) Omissão de preposição na construção de frase.

e) Significativo uso de verbos na primeira pessoa do singular.

TEXTO: 8 - Comum à questão: 33

"Navegar é preciso, viver não é preciso". Esta frase de antigos navegadores portugueses, retomada por Fernando Pessoa, por Caetano Veloso e sabe-se lá por quantos mais citadores ou reinventores, ganha sua última versão no âmbito da Informática, em que o termo navegar adquire outro e preciso sentido.

Na nova acepção, em tempos de Internet, o lema parece mais afirmativo do que nunca. Os olhos que hoje vagueiam pela tela iluminada do monitor já não precisam nem de velas, nem de versos, nem de fados: da vida só querem o cantinho de um quarto, de onde fazem o mundo flutuar em mares de virtualidades nunca dantes navegados.

33 - (FUVEST SP)

Indique a afirmação correta em relação ao texto.

a) O efeito sonoro explorado na seqüência de “vagueiam”, “velas”, “versos”, “vida”, “virtualidades” é conhecido como rima interior.

b) A construção “Os olhos (…) já não precisam” é exemplo de metonímia.

c) O termo “vagueiam” está empregado no sentido de “norteiam” e é exemplo de personificação.

d) Na frase “Navegar é preciso, viver não é preciso” há um pleonasmo.

e) A construção “nem de velas, nem de versos, nem de fados” apóia-se em antíteses.

TEXTO: 9 - Comum à questão: 34

Texto I

O Coronel e o Lobisomem

1 – Que faniquito é esse? Respeite a patente

2 e deixe de ficar sestrosa.

3 Foi quando, sem mais nem menos, deu

4 entrada no meu ouvido aquele assobio fi–

5 ninho, vindo não atinei de onde. Podia ser

6 cobra em vadiagem de luar. Se tal fosse, a

7 mula andava recoberta de razão. Por isso

8 dei prazo de espera para que a peçonha

9 da cobra saísse no claro. Nisso, outro as–

10 sobio passou rentoso de minha barba, com

11 tanta maldade que a mula estremeceu da

12 anca ao casco, ao tempo em que sobrevi–

13 nha do mato um barulho de folha pisada.

14 Inquiri dentro do regulamento militar:

15 – Quem vem lá?

16 De resposta tive novo assobio. Num re–

17 pente, relembrei estar em noite de lobiso–

18 mem – era sexta-feira. Tanto caçoei do

19 povo de Juca Azeredo que o assombrado

20 tomou a peito tirar vingança de mim,

21 como avisou Sinhozinho. Pois muito pesar

22 levava eu em não poder, em tal estado,

23 dar provimento ao caso dele. Sujeito de

24 patente, militar em serviço de água be–

25 nta, carecia de consentimento para travar

26 demanda com o lobisomem ou outra qual–

27 quer penitência dos pastos, mesmo que

28 fosse uma visagenzinha de menino pagão.

29 Sempre fui cioso da lei e não ia em noite

30 de batizado manchar, na briga de estrada,

31 galão e patente:

32– Nunca!

33 A mulinha, a par de tamanha responsabi–

34 lidade, que mula sempre foi bicho de

35 grande entendimento, largou o casco na

36 poeira. Para a frente a montaria não an–

37 dava, mas na direção do Sobradinho cor–

ria de vento em popa. Já um estirão era
andado quando, numa roça de mandioca,
adveio aquele figurão de cachorro, uma
peça de vinte palmos de pêlo e raiva. Na
frente de ostentação tão provida de ódio, a
mulinha de Ponciano debandou sem mi–
nha licença por terra de dormideira e
cipó, onde imperava toda raça de espinho,
caruru-de-sapo e roseta-de-frade. O luar
era tão limpo que não existia matinho de–
simportante para suas claridades – tudo
vinha à tona, de quase aparecer a raiz.
Aprovei a manobra da mula na certeza de
que lobisomem algum arriscava a sua
pessoa em tamanho carrascal. Enganado
estava eu. Atrás, abrindo caminho e des–
torcendo mato, vinha o vingancista do lo–
bisomem. Roncava como porco cevado.
Assim acuada, a mulinha avivou carreira,
mas tão desinfeliz que embaralhou a pata
do coice numas embiras-de-corda. Não
tive mais governo de sela e rédea. Caí
como sei cair, em posição militar, pronto a
repelir qualquer ofendimento. Digo, sem
alarde, que o lobisomem bem podia ter

63 saído da demanda sem avaria ou agravo,

64 caso não fosse um saco de malquerença.

65 Estando eu em retirada, pelo motivo já

66 sabido de ser portador de galão e patente,

67 não cabia a mim entrar em arruaça des–

68 guarnecido de licença superior. Disso não

69 dei conta ao enfeitiçado, do que resultou a

70 perdição dele. Como disse, rolava eu no

71 capim, pronto a dar ao caso solução brio–

72 sa, na hora em que o querelante apresen–

73 tou aquela risada de pouco caso e debo–

74 che:

75– Quá-quá-quá...

76 Não precisou de mais nada para que o gê–

77 nio dos Azeredos e demais Furtados vies–

78 se de vela solta. Dei um pulo de cabrito e

79 preparado estava para a guerra do lobiso–

80 mem. Por descargo de consciência, do que

81 nem carecia, chamei os santos de que sou

82 devocioneiro:

83 – São Jorge, Santo Onofre, São José!

CARVALHO, José Cândido de. *O coronel e o lobisomen*. 46. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000, pp.177-179

34 - (FGV)

“Nisso, outro assobio passou rentoso de minha barba...” (L. 9-10).

Nesse período, há um exemplo de sinestesia que, no caso, consiste no acúmulo de duas sensações:

a) Visual e olfativa.

b) Gustativa e auditiva.

c) Tátil e visual.

d) Olfativa e auditiva.

e) Auditiva e tátil.

TEXTO: 10 - Comum à questão: 35

o Kramer apaixonou-se por uma corista que se chamava Olga. por algum motivo nunca conseguiam encontrar-se. ele gritava passando pela casa de Olga, manhãzinha (ela dormia): Olga, Olga, hoje estou de folga! mas nunca se viam e penso que ele sabia que se efetivamente se deitasse com ela o sonho terminaria. sábio Kramer. nunca mais o vi. há sonhos que devem permanecer nas gavetas, nos cofres, trancados até o nosso fim. e por isso passíveis de serem sonhados a vida inteira.

Hilda Hilst, Estar sendo. Ter sido.

Observações:

O emprego sistemático de minúscula na abertura de período é opção estilística da autora.

Corista = atriz/bailarina que figura em espetáculo de teatro musicado.

35 - (FUVEST SP)

No trecho “há sonhos que devem permanecer nas gavetas, nos cofres, trancados até o nosso fim.”, o recurso de estilo que **NÃO** ocorre é a:

a) redundância.

b) inversão.

c) gradação.

d) metáfora.

e) enumeração.

TEXTO: 11 - Comum à questão: 36

É impossível colocar em série exata os fatos da infância porque há aqueles que já acontecem permanentes, que vêm para ficar e doer, que nunca mais são esquecidos, que são sempre trazidos tempo afora, como se fossem dagora.

É a carga. Há os outros, miúdos fatos, incolores e quase sem som – que mal se deram, a memória os atira nos abismos do esquecimento. Mesmo próximos eles viram logo passado remoto. Surgem às vezes, na lembrança, como se fossem uma incongruência. Só aparentemente sem razão, porque não há associação de idéias que seja ilógica. O que assim parece, em verdade, liga-se e harmoniza-se no subconsciente pelas raízes subterrâneas – raízes lógicas! – de que emergem os pequenos caules isolados – aparentemente ilógicos! só aparentemente! – às vezes chegados à memória vindos do esquecimento, que é outra função ativa dessa mesma memória.

Pedro Nava, Baú de ossos.

36 - (FUVEST SP)

O que Pedro Nava afirma no final do texto ajuda a compreender o título do livro **Esquecer para lembrar**, de Carlos Drummond de Andrade, título que contém:

a) um paradoxo apenas aparente, já que designa uma das operações próprias da memória.

b) uma contradição insuperável, justificada apenas pelo valor poético que alcança.

c) uma explicação para a dificuldade de se organizar de modo sistemático os fatos lembrados.

d) uma fina ironia, pois a antítese entre os dois verbos dá a entender o inverso do que nele se afirma.

e) uma metáfora, já que o tempo do esquecimento e o tempo da lembrança não podem ser simultâneos.

TEXTO: 12 - Comum à questão: 37

Texto I

Poesia expressa na era da pressa

Se quase não temos mais tempo para ler romances no mundo da pressa, da TV, do cinema e dos videogames, então é tempo de ler poesia? Viveríamos hoje a vingança da poesia, o seu dia D, o momento propício para seu retorno a um mundo tão violentamente prosaico? A questão foi lançada pela ensaísta americana Camille Paglia, numa animada entrevista publicada pelo caderno Mais!, da Folha de São Paulo, e a revista Cláudia me repassa inesperadamente a bola, perguntando: a poesia ganha uma importância nova na era da internet? Ela tem mais chance num mundo como o nosso? De fato, de um ponto de vista puramente quantitativo, como diz Camille, um romance consome dias ou semanas de nosso tempo, exigindo uma atenção continuada, num mundo em que tudo em volta faz com que nossa atenção se interrompa e se disperse em mil assuntos. Já um poema pode ser lido em minutos, às vezes em segundos. O poema é uma autêntica pílula literária, em cuja concentração Camille Paglia vê a possibilidade de uma revitalização da literatura em nosso tempo.

Considero que exaltar a poesia é sempre bom, assim como apostar na força dela: por que não? E o que a ensaísta americana está fazendo é, de fato, mais uma aposta muito afirmativa no poder da poesia do que um raciocínio automático e simplório que dissesse: como não temos tempo para ler romances, leremos poemas!

A questão que ela está colocando, na verdade, é: precisamos aprender – ou reaprender – hoje a ler poesia. Lembremos que no Brasil a questão é ainda mais embaixo, porque lemos muito pouco, pouquíssimo, seja poesia, seja prosa, e precisamos, portanto, aprender a ler, no sentido mais amplo da palavra. Mas, dito isso, vamos voltar ao começo e retomar a pergunta: de quanto tempo precisamos, de fato, para ler um poema? Quanto tempo ele nos pede? Aqui a resposta tem que ser parecida à daquele pintor que, perguntado sobre quanto tempo levara para pintar um determinado quadro, respondeu, cheio de razão: a vida inteira. Não nos enganemos, portanto, sobre a rapidez da poesia: um poema pede que a gente dê a ele a nossa vida inteira naquele instante. Em outras palavras, um poema exige pouco do nosso tempo horizontal, cronológico e linear. Ele exige tudo do nosso tempo vertical, aquele que vai bater lá no sem fundo da lembrança, na aura sutil dos afetos,

na dor e no espanto de existir, e na descoberta de que as palavras, que nos parecem naturais, não param de dançar um jogo infinito.

O poema exige um tempo intenso, em outra dimensão – por isso ele não é óbvio nem fácil, embora se entregue com súbita facilidade a quem se entrega a ele e o descobre de repente. Carlos Drummond de Andrade, o nosso poeta maior, declarou certa vez, citando Rainer Maria Rilke (poeta austríaco) que "para escrever um só verso é preciso ter visto muitas cidades, homens e coisas, conhecer os animais, sentir como voam os pássaros e saber que movimento fazem as flores ao se abrirem pela manhã; é preciso ter a lembrança de mulheres sofrendo na hora do parto, de pessoas morrendo, de crianças doentes, de diferentes noites de amor; e depois é preciso esquecer tudo isso, esperar que tudo isso se incorpore ao nosso sangue, ao nosso olhar; que tudo isso fique fazendo parte de nós". Isso que a poesia pede ao poeta, nas palavras de Drummond, pede também da sensibilidade do leitor, a seu modo, no momento da leitura. Fernando Pessoa diz que para se entenderem os símbolos poéticos são necessárias, antes de mais nada, a intuição e a simpatia do leitor: é preciso que o leitor vibre junto com o poema, dê força ao poema, seja cúmplice do poema e adivinhe o poema. O poema é uma avenca, uma planta sensitiva, que definha com um olhar torto. Mas também é uma fênix exuberante, que renasce quando irrigada. Porque bebe daquilo que o leitor lhe oferece em nudez interior, em despojamento de tudo que é o já sabido, em desprendimento de conceitos e preconceitos.

Penso, por exemplo, num poema tão simples, de Manuel Bandeira, como **A onda**:

"A onda anda

aonde

anda a onda?

A onda ainda

ainda onda

ainda anda

aonde?

aonde?

a onda

a onda."

Um leitor prosaico e ressecado, incapaz de lembrar que ele mesmo é um organismo todo feito de ondas – de ar, de fluidos, de energia, de desejos, de impulsos da alma – dirá: mas que tremenda falta de assunto! Ele não terá na verdade tempo algum de disponibilidade para essas poucas e

iluminadas palavras. Como diria Fernando Pessoa, o poema está morto para ele, e ele, morto para o poema. Mas o leitor poético que há em nós, e mesmo que sem qualquer pretensão intelectual, reconhecerá de imediato as ondas do mar dançando na música das palavras. Tomado de simpatia, e intuindo que aquela vibração não lhe é estranha, embarca na onda e no jogo. E, consciente disso ou não, sente que a onda anda numa pergunta em círculo, procurando um lugar que não é nenhum lugar senão a própria onda. Que não há repouso senão no movimento. Que a vida só se apóia no seu moto-perpétuo, perguntando-se sobre seu destino e tendo como resposta a si mesma.

.....

Em suma, a poesia, pela sua brevidade, pela sua rapidez, pela sua leveza, parece participar daquele ritmo que Ítalo Calvino (escritor italiano) queria para o presente milênio. Ao mesmo tempo, ela continua sendo a estranha e mais que nunca a excluída desse mundo onde a publicidade ocupou todos os espaços para dizer que a posse das mercadorias permanentemente descartadas e o *status* conferido ao possuidor são a solução da existência. Nesse sentido, a vontade de afirmar a poesia, como faz Camille Paglia, não deixa de atritar, cheia de energia, com o mundo que baniu dele a poesia, na prática e não há pouco tempo. No seu primeiro livro, Alguma Poesia, em 1930, Drummond já dizia: "Impossível escrever um poema a essa altura da evolução da humanidade". Mas terminava o mesmo poema dizendo: "Desconfio que escrevi um poema".

WISNIK, José Miguel. **A poesia expressa na era da pressa**. São Paulo: Revista Claúdia. Ed Abril, julho 2005, adaptado.

Texto II

Para fazer um soneto

Carlos Pena Filho

Tome um pouco de azul, se a tarde é clara,

e espere pelo instante ocasional.

Neste curto intervalo Deus prepara

e lhe oferta a palavra inicial.

Aí, adote uma atitude avara:

se você preferir a cor local,

não use mais que o sol de sua cara

e um pedaço de fundo de quintal.

Se não, procure a cinza e essa vagueza

das lembranças da infância, e não se apresse,

antes, deixe levá-lo a correnteza.

Mas ao chegar ao ponto em que se tece

Dentro da escuridão a vã certeza,

Ponha tudo de lado e então comece.

Texto III

O sobrevivente

Carlos Drummond de Andrade

Impossível compor um poema a essa altura da evolução da humanidade.

Impossível escrever um poema - uma linha que seja - de verdadeira poesia.

O último trovador morreu em 1914.

Tinha um nome de que ninguém se lembra mais.

Há máquinas terrivelmente complicadas para as necessidades mais simples.

Se quer fumar um charuto aperte um botão.

Paletós abotoam-se por eletricidade.

Amor se faz pelo sem-fio.

Não precisa estômago para digestão.

Um sábio declarou a *O Jornal* que ainda falta

muito para atingirmos um nível razoável de

cultura. Mas até lá, felizmente, estarei morto.

Os homens não melhoram

e matam-se como percevejos.

Os percevejos heróicos renascem.

Inabitável, o mundo é cada vez mais habitado.

E se os olhos reaprendessem a chorar seria um segundo dilúvio.

(Desconfio que escrevi um poema.)

SECCHIN, Antônio Carlos. **Antologia temática da poesia brasileira**. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras, UFRJ, 2004.

37 - (IME RJ)

A figura de linguagem presente em “as palavras... não param de dançar...” (texto I, linhas 35 e 36) também aparece em:

a) “O poema é uma autêntica pílula literária...”. (texto I, linhas 13 e 14)

b) “A onda anda...”. (texto I, linha 61)

c) “... não há repouso senão no movimento”. (texto I, linhas 83 e 84)

d) “Desconfio que escrevi um poema”. (texto I, linha 96)

TEXTO: 13 - Comum à questão: 38

A GRANDE VINGANÇA

Carlos Heitor Cony

RIO DE JANEIRO – Desde criança ouvia dizer que não se deve brincar com mulher. Por favor, me entendam. Brincar não significava, nesta advertência, fugir delas, deixar de amá-las, de transar com elas quando possível e com a obrigação suplementar de tentar até o impossível. “Brincar” era não levá-las a sério, baseados na inexistente fragilidade feminina, não temê-las na capacidade de suas cóleras e vinganças.

Mãe, matrona, matriarca, exemplo nas coisas boas e más, a natureza é mulher — e bota mulher nisso. Bela e irascível, aconchegante e letal, aí estão os resultados de sua ira contra os Estados Unidos, país que se recusa a assinar o Tratado de Kyoto. Vivendo basicamente de matérias-primas vindas de todas as partes do mundo para alimentar sua formidável gula industrial, os Estados Unidos desdenham o cuidado que o resto da humanidade dedica ao ambiente.

O pragmatismo, aliado ao hedonismo da sociedade norte-americana, criou um tipo de mentalidade que a aproxima nada menos do que a Jesus Cristo: não é deste mundo.

A natureza, como foi dito acima, é mulher, e como mulher, não perdoa àqueles que a desprezam ou a esnobam. O resultado aí está. A sucessão de tragédias naturais é a cobrança que torna os Estados Unidos vulnerável a catástrofes que habitualmente só acontecem em países pobres ou miseráveis. Uma sociedade que detém o maior poder econômico e militar do mundo de repente vê se esfacelarem os pés de barro que sustentam o gigante.

As tragédias ainda estão localizadas em regiões menos ricas e lambidas pelos furacões do Golfo do México. Mas há fendas no subsolo do grande território, como em Los Angeles e imediações, que podem de uma hora para outra criar uma tragédia equivalente às hecatombes de Hiroshima e Nagasaki.

Já estão falando em vingança da dupla Allah e Maomé. Prefiro acreditar na vingança da natureza.

Folha de S. Paulo, 25/09/05.

38 - (PUC MG)

Em todas as passagens que seguem há metáforas, EXCETO:

a) “Mãe, matrona, matriarca, exemplo nas coisas boas e más, a natureza é mulher — e bota mulher nisso.”

b) “Brincar” era não levá-las a sério baseados na inexistente fragilidade feminina, não temê-las na capacidade de suas cóleras e vinganças.”

c) “Uma sociedade que detém o maior poder econômico e militar do mundo de repente vê se esfacelarem os pés de barro que sustentam o gigante.”

d) “Vivendo basicamente de matérias-primas vindas de todas as partes do mundo para alimentar sua gula industrial, os Estados Unidos desdenham o cuidado que o resto da humanidade dedica ao ambiente.”

TEXTO: 14 - Comum à questão: 39

Romance LIII ou Das palavras aéreas

Ai, palavras, ai, palavras,
que estranha potência, a vossa!
Ai, palavras, ai, palavras,
sois de vento, ides no vento,
no vento que não retorna,
e, em tão rápida existência,
tudo se forma e transforma!

Sois de vento, ides no vento,

e quedais, com sorte nova!

Ai, palavras, ai, palavras,
que estranha potência, a vossa!
Todo o sentido da vida
principia à vossa porta;
o mel do amor cristaliza
seu perfume em vossa rosa;
sois o sonho e sois a audácia,
calúnia, fúria, derrota...

A liberdade das almas,
ai! com letras se elabora...
E dos venenos humanos
sois a mais fina retorta:
frágil, frágil como o vidro
e mais que o aço poderosa!
Reis, impérios, povos, tempos,
pelo vosso impulso rodam...

Detrás de grossas paredes,
de leve, quem vos desfolha?
Pareceis de tênue seda,
sem peso de ação nem de hora...
– e estais no bico das penas,

– e estais na tinta que as molha,

– e estais nas mãos dos juízes,

– e sois o ferro que arrocha,

– e sois barco para o exílio,

– e sois Moçambique e Angola!

Ai, palavras, ai, palavras,

íeis pela estrada afora,

erguendo asas muito incertas,

entre verdade e galhofa,

desejos do tempo inquieto,

promessas que o mundo sopra...

Ai, palavras, ai, palavras,

mirai-vos: que sois, agora?

– Acusações, sentinelas,

bacamarte, algema, escolta;

– o olho ardente da perfídia,

a velar, na noite morta;

– a umidade dos presídios,

– a solidão pavorosa;

– duro ferro de perguntas,

com sangue em cada resposta;

– e a sentença que caminha,

– e a esperança que não volta,

– e o coração que vacila,

– e o castigo que galopa...

Ai, palavras, ai, palavras,

que estranha potência, a vossa!

Perdão podíeis ter sido!

– sois madeira que se corta,

– sois vinte degraus de escada,

– sois um pedaço de corda...

– sois povo pelas janelas,

cortejo, bandeiras, tropa...

Ai, palavras, ai, palavras,

que estranha potência, a vossa!

Éreis um sopro na aragem...

– sois um homem que se enforca!

(MEIRELES, Cecília. **Os melhores poemas de Cecília Meireles** /seleção Maria Fernanda. 11. ed. São Paulo: Global, 1999, p. 143-146

GLOSSÁRIO:

quedar: ficar, deter-se, conservar-se.

retorta: vaso de vidro ou de louça com o gargalo recurvo, voltado para baixo e apropriado para operações químicas.

tênue: delgado, fino.

galhofa: gracejo, risada.

bacamarte: arma de fogo.

perfídia: deslealdade, traição.

aragem: vento brando, brisa.

39 - (UFPB)

Há oposição de sentido (antítese) entre as idéias expressas nos versos da alternativa:

a) "sois de vento, ides no vento, (ref. 4)
no vento que não retorna," (ref. 5)

b) "E dos venenos humanos (ref. 20)
sois a mais fina retorta:" (ref. 21)

c) "frágil, frágil como o vidro (ref. 22)
e mais que o aço poderosa!" (ref. 23)

d) "Pareceis de tênue seda, (ref. 28)
sem peso de ação nem de hora..." (ref. 29)

e) "– e sois barco para o exílio, (ref. 34)
– e sois Moçambique e Angola!" (ref. 35)

TEXTO: 15 - Comum às questões: 40, 41

Experimente ver pela primeira vez o que você vê todo dia, sem ver. Parece fácil, mas não é. O que nos cerca, o que nos é familiar, já não desperta curiosidade. O campo visual da nossa rotina é como um vazio. (...) O hábito suja os olhos e lhes baixa a voltagem. Mas há sempre o que ver. Gente, coisas, bichos. E vemos? Não, não vemos.

REZENDE, Otto Lara, *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 23.02.92

Otto Lara Rezende (1922 – 1992)

40 - (UNAERP SP)

Em: O campo visual da nossa rotina é como um vazio, ocorre:

a) hipérbole e comparação.

b) metáfora.

c) aliteração e metáfora.

d) pleonasmo e comparação.

e) metáfora e comparação.

41 - (UNAERP SP)

Em: O hábito suja os olhos e lhes baixa a voltagem, ocorre:

a) hipérbole.

b) metáfora.

c) aliteração.

d) pleonasmo.

e) sinestesia.

TEXTO: 16 - Comum à questão: 42

PROFUNDAMENTE

Quando ontem adormeci

Na noite de São João

Havia alegria e rumor

Estrondos de bombas luzes de Bengala

Vozes cantigas e risos

Ao pé das fogueiras acesas.

No meio da noite despertei

Não ouvi mais vozes nem risos

Apenas balões

Passavam, errantes

Silenciosamente

Apenas de vez em quando

O ruído de um bonde

Cortava o silêncio

Como um túnel.

Onde estavam os que há pouco

Dançavam

Cantavam

E riam

Ao pé das fogueiras acesas?

— Estavam todos dormindo

Estavam todos deitados

Dormindo

Profundamente.

*

Quando eu tinha seis anos

Não pude ver o fim da festa de São João

Porque adormeci

Hoje não ouço mais as vozes daquele tempo

Minha avó

Meu avô

Totônio Rodrigues

Tomásia

Rosa

Onde estão todos eles?

— Estão todos dormindo

Estão todos deitados

Dormindo

Profundamente. Manuel Bandeira, Libertinagem

42 - (UNAERP SP)

A figura de linguagem presente nos versos *dormindo/profundamente* é:

a) metonímia.

b) pleonasmo.

c) prosopopéia.

d) hipérbato.

e) eufemismo.

TEXTO: 17 - Comum à questão: 43

O Retirante aproxima-se de um dos cais do Capibaribe.

– Nunca esperei muita coisa,

é preciso que eu repita.

Sabia que no rosário

de cidades e de vilas, (...)

ao acabar minha descida ,

não seria diferente

a vida de cada dia:

que sempre pás e enxadas

foices de corte e capina,

ferros de cova, estrovengas (*)

o meu braço esperaria.

Mas que se este não mudasse

seu uso de toda vida,

esperei, devo dizer,

que ao menos aumentaria

na quartinha, a água pouca,

dentro da cuia, a farinha,

o algodãozinho da camisa,

ou meu aluguel com a vida.

E chegando, aprendo que,

nessa viagem que eu fazia, (...)

meu próprio enterro eu seguia.

Só que devo ter chegado

adiantado de uns dias;

o enterro espera na porta:

o morto ainda está com vida.

João Cabral de Melo Neto, Morte e Vida Severina

(*) estrovenga: pequena foice de dois gumes.

43 - (UNAERP SP)

Assinale a opção **incorreta**:

a) Severino tinha consciência de que também teria que trabalhar duramente na cidade litorânea, o que se manifesta de forma metonímica nos versos de 3 a 11.

b) Em "*o enterro espera na porta*", a personificação é prenúncio da morte de Severino, que ocorrerá ao final de seu percurso.

c) No verso "*o morto ainda está com vida*" ocorre um procedimento de construção textual, o paradoxo, que ressalta a convivência de contrários no interior de uma realidade complexa.

d) Em "*esperei que... aumentaria... o meu aluguel com a vida*" o uso da conotação relaciona-se à expectativa de Severino de vida mais longa na cidade litorânea.

e) *Morte e vida severina*, como *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, tematiza a vida do nordestino, freqüentemente castigado pela seca, pela miséria e pela fome.

TEXTO: 18 - Comum à questão: 44

I. A lua era magnífica. No morro, entre o céu e a planície, a alma menos audaciosa era capaz de ir contra um exército inimigo e destroçá-lo.(...) Sofia enfiara o braço no dele, para irem ver a lua.(...) Os dois ficaram calados algum tempo. Pelas janelas abertas viam-se as outras pessoas conversando (...) Rubião lembrou-se de uma comparação velha (...) Chamou aos olhos de Sofia as estrelas da terra, e às estrelas os olhos do céu. Tudo isso baixinho e trêmulo.

II. – Vamos para dentro, murmurou Sofia.

Quis tirar o braço: mas o dele reteve-lho com força. Não; ir para quê? Estavam ali bem, muito bem... Que melhor? Ou seria que ele estivesse aborrecendo? Sofia acudiu que não, ao contrário, mas precisava ir fazer sala às visitas... Há quanto tempo estavam ali!

– Não há dez minutos. Que são dez minutos?

– Mas podem ter dado pela nossa ausência...

Rubião estremeceu diante deste possessivo: nossa ausência. Achou-lhe um princípio de cumplicidade (...) Tinha razão, deviam separar-se; só lhe pedia uma coisa, duas coisas.

44 - (UNAERP SP)

Em “a alma menos audaciosa era capaz de ir contra um exército inimigo e destroçá-lo”, encontram–se duas construções figurativas que são:

a) metáfora e hipérbato.

b) metonímia e hipérbole.

c) comparação e pleonasmo.

d) metonímia e hipérbato.

e) metáfora e hipérbole.

TEXTO: 19 - Comum à questão: 45

Este inferno de amar

Este inferno de amar – como eu amo!

Quem mo pôs aqui n'alma... quem foi?

Esta chama que alenta e consome,

Que é a vida – e que a vida destrói –

Como é que se veio a atear,

Quando – ai quando se há-de ela apagar?

Almeida Garrett

45 - (UNIFESP SP)

Uns lindos olhos, vivos, bem rasgados,

Um garbo senhoril, nevada alvura,

Metal de voz que enleva de doçura,

Dentes de aljôfar, em rubi cravados.

Fios de ouro, que enredam meus cuidados,

Alvo peito, que cega de candura,

Mil prendas; e (o que é mais que formosura)

Uma graça, que rouba mil agrados.

Mil extremos de preço mais subido

Encerra a linda Márcia, a quem of'reço

Um culto, que nem dela inda é sabido.

Tão pouco de mim julgo que a mereço,

Que enojá-la não quero de atrevido

Co'as penas que por ela em vão padeço.

Filinto Elísio.

Assinale a alternativa correta.

a) O poema de Filinto é uma narrativa na qual o poeta conta sua desilusão amorosa.

b) Na descrição de Márcia, o poeta vale-se de metáforas (*rubi, nevada alvura*) e de hipérboles (*mil prendas, mil agrados*).

c) Nos versos de Garrett, o amor se mostra como um sentimento confuso, o que transparece no uso de eufemismos.

d) Em *Quem mo pôs aqui n'alma... quem foi?*, não é possível identificar o referente textual do pronome "o" [em *mo*].

e) Nos versos de Garrett, as orações interrogativas revelam a predisposição do poeta para viver intensamente o sentimento descrito.

TEXTO: 20 - Comum à questão: 46

O oráculo do mercado publicitário

"Enquanto a nata do concorrido mercado publicitário paulista ferve os neurônios atrás de mais uma idéia brilhante que garanta a genialidade de suas campanhas, um carioca que já passou dos 60 – e não troca o final de tarde em Ipanema por nada – dá a pauta do que será assunto nas principais agências do Brasil.

Julio Hungria, 66, é o criador, editor e webmaster de um dos sites mais acessados por esse público, o Blue Bus (www.bluebus.com.br). Presente na lista de favoritos de 11 em cada 10 publicitários, o endereço traz diariamente uma grande variedade de notas sobre assuntos que vão dos bastidores do mercado até fofocas sobre celebridades."

André Mascarenhas

O Estado de S.Paulo. 15/08/2005, p.L14.

46 - (UNIMES SP)

Nos trechos “a nata do concorrido mercado publicitário” e “de 11 entre 10 publicitários” temos, respectivamente:

a) prosopopéia e hipérbole.

b) perífrase e hipérbole.

c) prosopopéia e eufemismo.

d) metáfora e hipérbole.

e) metáfora e eufemismo.

TEXTO: 21 - Comum à questão: 47

TEXTO 3 – SE SE MORRE DE AMOR (fragmento)

Amor é vida: é ter constantemente

Alma, sentidos, coração – abertos

Ao grande, ao belo; é ser capaz de extremos,

D’altas virtudes, té capaz de crimes!

Compr’ender o infinito, a imensidade,

E a natureza e Deus; gostar dos campos,

D’aves, flores, murmúrios solitários;

Buscar tristeza, a soledade, o ermo,

É ter o coração em riso e festa;

E à branda festa, ao riso da nossa alma

Fontes de pranto intercalar sem custo;

Conhecer o prazer e a desventura

No mesmo tempo, e ser no mesmo ponto

O ditoso, o misérrimo dos entes;

Isso é amor, e desse amor se morre!

47 - (ESCS DF)

A alternativa que mostra palavras e expressões do texto que NÃO exemplificam a figura denominada antítese é:

a) ditoso / misérrimo;

b) virtudes / crimes;

c) tristeza / riso;

d) prazer / desventura;

e) riso / festa.

TEXTO: 22 - Comum à questão: 48

OLHOS DE RESSACA

Enfim, chegou a hora da encomendação e da partida. Sancha quis despedir-se do marido, e o desespero daquele lance consternou a todos.

Muitos homens choravam também, as mulheres [05]todas. Só Capitu, amparando a viúva, parecia vencer-se a si mesma. Consolava a outra, queria arrancá-la dali. A confusão era geral. No meio dela, Capitu olhou alguns instantes para o cadáver tão fixa, tão apaixonadamente fixa, que [10]não admira lhe saltassem algumas lágrimas poucas e caladas.

As minhas cessaram logo. Fiquei a ver as dela; Capitu enxugou-as depressa, olhando a furto para a gente que estava na sala. Redobrou de carícias [15]para a amiga, e quis levá-la; mas o cadáver parece que a retinha também. Momento houve em que os olhos de Capitu fitaram o defunto, quais os da viúva, sem o pranto nem palavras desta, mas grandes e abertos, como a vaga do mar lá fora, [20]como se quisesse tragar também o nadador da manhã.

(ASSIS, Machado de. Dom Casmurro. Capítulo 123. São Paulo: Martin Claret, 2004.)

48 - (UERJ)

(...) não admira lhe saltassem algumas lágrimas poucas e caladas. (l. 10 - 11)

As minhas cessaram logo. (l. 12)

Nessa passagem, encontra-se um recurso de coesão textual em que o termo sublinhado é retomado por meio de elipse.

Esse mesmo recurso é empregado em:

a) "quis despedir-se do marido, e o desespero daquele lance consternou a todos." (l. 2 - 3)

b) "Muitos homens choravam também, as mulheres todas." (l. 4 - 5)

c) "Redobrou de carícias para a amiga, e quis levá-la;" (l. 14 - 15)

d) "quais os da viúva, sem o pranto nem palavras desta," (l. 17 - 18)

TEXTO: 23 - Comum à questão: 49

PALAVRAS ALADAS

Silêncio era a coisa de que aquele rei mais gostava. E de que, a cada dia, mais parecia gostar. Qualquer ruído, dizia, era faca em seus ouvidos.

Por isso, muito jovem ainda, mandou construir altíssimos muros ao redor do castelo. E logo, não satisfeito, ordenou que por cima dos muros, e por cima das torres, por cima dos telhados e dos jardins, passasse imensa redoma de vidro.

(...)

Mas se os sons não podiam entrar, verdade é que também não podiam sair. Qualquer palavra dita, qualquer espirro, soluço, canto, ficava vagando prisioneiro do castelo, sem que lhe fossem de valia fresta de janela ou porta esquecida aberta. Pois se ainda era possível escapar às paredes, nada os libertava da redoma.

Aos poucos, tempo passando sem que ninguém lhe ouvisse os passos, palavras foram se acumulando pelos cantos, frases serpentearam na superfície dos móveis, interjeições salpicaram as tapeçarias, um miado de gato arranhou os corredores.

E tudo teria continuado assim, se um dia, no exato momento em que sua majestade recebia um embaixador estrangeiro, não atravessasse a sala do trono uma frase desgarrada. Frase de cozinheiro que, sobrepondo-se aos elogios reais, mandou o embaixador depenar, bem depressa, uma galinha.

Mais do que os ouvidos, a frase feriu o orgulho do rei. Furioso, deu ordens para que todos os sons usados fossem recolhidos, e para sempre trancados no mais profundo calabouço.

Durante dias os cortesãos empenharam-se naquele novo esporte que os levava a sacudir cortinas e a rastejar sob os móveis. A audição certeira abatia exclamações em pleno vôo, algemava rimas, desentocava cochichos. Uma condessa encheu um cesto com um cento de acentos. Um marquês de monóculo fez montinhos de monossílabos. E houve até quem garantisse ter apanhado entre os dedos o delicado não de uma donzela. Enfim, divertiram-se tanto, tão entusiasmados ficaram com a tarefa, que acabaram por instituir a Temporada Anual de Caça à Palavra.

De temporada em temporada, esvaziava-se o castelo de seus sons, enchia-se o calabouço de conversas. A tal ponto que o momento chegou em que ali não cabia mais sequer o quase silêncio de uma vírgula. E o Mordomo Real viu-se obrigado a transferir secretamente parte dos sons para aposentos esquecidos do primeiro andar.

Foi portanto por acaso que o rei passou frente a um desses cômodos. E passando ouviu um murmúrio, rasgo de conversa. Pronto a reclamar, já a mão pousava na maçaneta, quando o calor daquela voz o reteve. E inclinado à fechadura para melhor ouvir, o rei colheu as lavas, palavras, com que um jovem, de joelhos talvez, derramava sua paixão aos pés da amada.

A lembrança daquelas palavras pareceu voltar ao rei de muito longe, atravessando o tempo, ardendo novamente no peito. E em cada uma ele reconheceu com surpresa sua própria voz, sua jovem paixão. Era sua aquela conversa de amor há tantos anos trancada. Fio da longa meada do passado, vinha agora envolvê-lo, religá-lo a si mesmo, exigindo sair de calabouços.

(...)

– Que se derrube a redoma! – lançou então o rei com todo o poder de seus pulmões. – Que se abatam os muros!

E desta vez vai o grito por entre o estilhaçar, subindo, planando, pássaro-grito que no azul se afasta, trazendo atrás de si em revoada frases, cantigas, epístolas, ditados, sonetos, epopéias, discursos e recados, e ao longe – maritacas – um bando de risadas. Sons que no espaço se espalham levando ao mundo a vida do castelo, e que, aos poucos, em liberdade se vão.

(COLASANTI, Marina. Doze reis e a moça no labirinto do vento. São Paulo: Global, 1999.)

49 - (UERJ)

A exploração da linguagem simbólica é uma das características dos contos de fadas.

O uso dessa linguagem está presente na seguinte passagem:

a) "mandou construir altíssimos muros ao redor do castelo." (l. 4 - 5)

b) "Mas se os sons não podiam entrar, verdade é que também não podiam sair." (l. 9 - 10)

c) "Furioso, deu ordens para que todos os sons usados fossem recolhidos," (l. 30 - 31)

d) "E em cada uma ele reconheceu com surpresa sua própria voz," (l. 63 - 64)

TEXTO: 24 - Comum à questão: 50

O suor e a lágrima

Fazia calor no Rio, 40 graus e qualquer coisa, quase 41. No dia seguinte, os jornais diriam que fora o mais quente deste verão que inaugura o século e o milênio. Cheguei ao Santos Dumont, o vôo estava atrasado, decidi engraxar os sapatos. Pelo menos aqui no Rio, são raros esses engraxates, só existem nos aeroportos e em poucos lugares avulsos.

Sentei-me naquela espécie de cadeira canônica, de coro de abadia pobre, que também pode parecer o trono de um rei desolado de um reino desolante.

O engraxate era gordo e estava com calor – o que me pareceu óbvio. Elogiou meus sapatos, cromo italiano, fabricante ilustre, os Rosseti. Uso-o pouco, em parte para poupá-lo, em parte porque quando [15]posso estou sempre de tênis.

Ofereceu-me o jornal que eu já havia lido e começou seu ofício. Meio careca, o suor encharcou-lhe a testa e a calva. Pegou aquele paninho que dá brilho final nos sapatos e com ele enxugou o próprio suor, que [20]era abundante.

Com o mesmo pano, executou com maestria aqueles movimentos rápidos em torno da biqueira, mas a todo instante o usava para enxugar-se – caso contrário, o suor inundaria o meu cromo italiano.

[25]E foi assim que a testa e a calva do valente filho do povo ficaram manchadas de graxa e o meu sapato adquiriu um brilho de espelho à custa do suor alheio. Nunca tive sapatos tão brilhantes, tão dignamente suados.

[30]Na hora de pagar, alegando não ter nota menor, deixei-lhe um troco generoso. Ele me olhou espantado, retribuiu a gorjeta me desejando em dobro tudo o que eu viesse a precisar nos restos dos meus dias.

[35]Saí daquela cadeira com um baita sentimento de culpa. Que diabo, meus sapatos não estavam tão sujos assim, por míseros tostões, fizera um filho do povo suar para ganhar seu pão. Olhei meus sapatos e tive vergonha daquele brilho humano, salgado como lágrima.

(CONY, Carlos Heitor. Folha de S. Paulo, 19/02/2001.)

50 - (UERJ)

A crônica de Carlos Heitor Cony é uma crítica à hierarquia econômico-social que prevalece em nossa sociedade.

O ponto de vista do narrador sobre essa hierarquia está exemplificado por meio de metáfora em:

a) “Elogiou meus sapatos, cromo italiano, fabricante ilustre, os Rosseti.” (l. 12 - 13)

b) “Pegou aquele paninho que dá brilho final nos sapatos e com ele enxugou o próprio suor,” (l. 18 - 19)

c) “Saí daquela cadeira com um baita sentimento de culpa. (l. 35 - 36)

d) “por míseros tostões, fizera um filho do povo suar para ganhar seu pão.”(l. 37 - 38)

TEXTO: 25 - Comum à questão: 51

A aldeia que nunca mais foi a mesma

Era uma aldeia de pescadores de onde a alegria fugira, e os dias e as noites se sucediam numa monotonia sem fim (...).

Até que o mar, quebrando um mundo, anunciou de longe que trazia nas suas ondas coisa nova, desconhecida, forma disforme que flutuava, e todos vieram à praia, na espera... E ali ficaram, até que o mar, sem se apressar, trouxe a coisa e a depositou na areia, surpresa triste, um homem morto...

E o que é que se pode fazer com um morto, se não enterrá-lo? Tomaram-no então para os preparativos de funeral, que naquela aldeia ficavam a cargo das mulheres: às vezes é mais grato preparar os mortos para a sepultura que acompanhar os vivos na morte que perderam ao viver. Foi levado pra uma casa, os homens de fora, olhando...

(...)

As mãos começaram o trabalho, e nada se dizia, só os rostos tristes... Até que uma delas, um leve tremor no canto dos lábios, balbuciou:

– "É, se tivesse vivido entre nós, teria de se ter curvado sempre para entrar em nossas casas. É muito alto..."

E todas assentiram com o silêncio.

(...)

Foi então que uma outra, olhando aquelas mãos enormes, inertes, disse as saudades que arrepiavam a sua pele:

– "Estas mãos... Que terão feito? Terão tomado no seu vazio um rosto de mulher? Terão sido ternas? Terão sabido amar?"

E elas sentiram que coisas belas e sorridentes, há muito esquecidas, passadas por mortas, nas suas funduras, saíam do ouvido e vinham, mansas, se dizer no silêncio do morto. A vida renascia na morte graciosa de um morto desconhecido e que, por isto mesmo, por ser desconhecido, deixava que pusessem no seu colo os desejos que a morte em vida proibira...

E os homens, do lado de fora, perceberam que algo estranho acontecia: os rostos das mulheres, maçãs em fogo, os olhos brilhantes, os lábios úmidos, o sorriso selvagem, e compreenderam o milagre: vida que voltava, ressurreição de mortos... E tiveram ciúmes do afogado... Olharam para si mesmos, se acharam pequenos e domesticados, e perguntaram se aquele homem teria feito gestos nobres (que eles não mais faziam) e pensaram que ele teria travado batalhas bonitas (onde a sua coragem?), e o viram brincando com crianças (mas lhes faltava a leveza...), e o invejaram amando como nenhum outro (mas onde se escondera o seu próprio amor?)...

Termina a estória dizendo que eles, finalmente, o enterraram.

Mas a aldeia nunca mais foi a mesma...

Não, não é à toa que conto esta estória. Foi quando eu soube da morte – ela cresceu dentro de mim. Claro que eu já suspeitava: os cavalos de guerra odeiam crianças, e o bronze das armas odeia canções, especialmente quando falam de flores, e não se ouve o ruflar lúgubre dos tambores da morte. (...) Foi então que me lembrei da estória. Não, foi ela que se lembrou de mim, e veio, para dar nome aos meus sentimentos, e se contou de novo. Só que agora os rostos anônimos viraram rostos que eu vira, caminhando, cantando, seguindo a canção, risos que corriam para ver a banda passar contando coisas de amor, os rojões, as buzinas, as panelas, sinfonia que se tocava, sobre a desculpa de um morto...

Mas não era isto, não era o morto: era o desejo que jorrava, vida, mar que saía de funduras reprimidas e se espraiava como onda, espumas e conchinhas, mansa e brincalhona... (...)

(ALVES, Rubem. Folha de S. Paulo, 19/05/1984.)

51 - (UERJ)

A metonímia é uma figura de linguagem que consiste no uso de uma palavra em lugar de outra, estabelecendo-se entre elas diferentes relações de sentido.

O fragmento que apresenta um exemplo de metonímia construída por meio da relação entre matéria e objeto é:

a) “E o que é que se pode fazer com um morto, se não enterrá-lo?” (l. 10 - 11)

b) “Até que uma delas, um leve tremor no canto dos lábios, balbuciou:” (l. 18 - 19)

c) “deixava que pusessem no seu colo os desejos que a morte em vida proibira...” (l. 34 - 36)

d) “e o bronze das armas odeia canções, especialmente quando falam de flores,” (l. 56 - 57)

TEXTO: 26 - Comum à questão: 52

Texto I

A impostura da neutralidade

"(...) Assim como atribuiu um sinal negativo à presença de emoção no relato jornalístico, ou exatamente por causa disso, o senso comum acalenta o ideal da objetividade sobre-humana; imagina que o bom repórter é inteiramente imune às crenças, às convicções e às paixões. O repórter ideal seria o que não torcesse para nenhum time de futebol, não tivesse suas pequenas predileções eróticas, nem seus fetiches, nem seus pecados, que não professasse nenhuma fé, que não tivesse inclinações políticas e nenhum tipo de identificação étnica ou cultural. No mínimo, o repórter ideal é aquele que parece "neutro". Sendo "neutro", ele não favorecerá um dos ângulos de sua história e, conseqüentemente, será mais confiável. Eis a síntese do bom jornalismo segundo a mistificação do senso comum. A própria liturgia do ofício jornalístico parece ainda estar envolta no mito da neutralidade.

Esse mito, que se converte numa perniciosa impostura, já foi devidamente desmascarado por autores e jornalistas das mais diversas formações. Em *A ética no jornalismo*, Philip Meyer cita uma frase de Katherine Carlton McAdams (ganhadora do Prêmio Carol Burnette – University of Hawaii – AEJMC para jornais de estudantes sobre ética jornalística) que dá uma boa síntese do drama do profissional: "Os jornalistas são pessoas reais que vivem em famílias, votam, e torcem pelo time local [...] Espera-se que todas as lealdades pessoais sejam postas de lado quando se está atuando num papel profissional - mas ... os jornalistas nunca podem estar seguros de até que ponto são influenciados por fatores pessoais que controlam percepções e predisposições". Meyer ironiza a pretensão da neutralidade: "Ela presume a postura do 'homem-de-Marte', o estado de alheamento total". Não raro, a fantasia de "homem-de-Marte" acaba ajudando a erguer uma trágica impostura, que põe em risco a base democrática do jornalismo. O paulistano Cláudio Abramo (1923-87), um dos jornalistas que desenhou a face da imprensa brasileira no século XX, que atuou na modernização do *Estado de S.Paulo* nos anos 1950 (assumiu a Secretaria de Redação do jornal aos trinta anos) e da *Folha de S.Paulo*, da qual foi diretor de redação nos anos 1970, também combateu esse mito:

A noção segundo a qual o jornalista é uma espécie à parte na humanidade, o *Homo informens*, se nos for permitida tal liberalidade, é não apenas desprovida de racionalidade como desprovida de moral e, se adotada, levaria os jornalistas a se considerarem acima do bem e do mal, ou, de outra

forma, se julgarem agentes absolutamente passivos na sociedade, como uma vassoura ou uma pistola automática.

Mesmo assim, a impostura da neutralidade ainda constitui uma regra. E, como toda impostura, desinforma.

O pecado ético do jornalista não é trazer consigo convicções e talvez até preconceitos. Isso, todos temos. O pecado é não esclarecer para si e para os outros essas suas determinações íntimas, é escondê-las, posando de "neutro". O pecado ético do jornalista, em suma, é falsear a sua relação com os fatos, tomando parte na impostura da neutralidade. Esse falseamento – ainda muito comum – pode ser facilmente verificado, em três variantes básicas. A primeira variante é a ocultação involuntária, que consiste em fazer de conta que não se têm convicções ou preconceitos, ou que esses não interferem na objetividade possível. Resultam daí os relatos supostamente isentos, por trás dos quais o jornalista se esconde como se sua pessoa fosse um ente impessoal e como se a notícia não fosse também determinada pelo seu modo de olhar e de narrar. A máxima segundo a qual quem deve aparecer é o fato e não o jornalista reforça a ocultação involuntária. É claro que o repórter não deve disputar com a notícia a atenção do leitor, mas os sentidos e as habilidades, naturais ou treinadas, de quem cobre um fato (intuições, modos pessoais de olhar, repertório cultural) enriquecem, e não empobrecem, a narrativa que será levada ao público. Esconder tudo isso é empobrecer o jornalismo como ofício e enfraquecê-lo como instituição social.

A segunda variante pela qual o jornalista simula neutralidade pode ser chamada de ocultação deliberada. Mais própria de editores e repórteres de maior patente, ela consiste em mascarar convicções e preconceitos sob a aparência de informação objetiva, contrabandeando, assim, para o público, concepções pessoais como se fossem informações objetivas. A ocultação deliberada se beneficia da crença do público de que a neutralidade é possível e, além de não esclarecer ninguém sobre os fatos (pois, propositadamente, transmite uma versão montada dos fatos como se fossem os fatos falando por si mesmos), alimenta ainda mais o mito do jornalista neutro. Por fim, a terceira variante é a ocultação determinada pela servidão voluntária. Acontece mais entre aqueles que "vestem a camisa" não da empresa, mas do chefe. De preferência, já suada. Os que vestem a camisa do chefe anulam voluntariamente sua visão crítica em nome do cargo, do salário, da ambição ou do medo, e assumem para si os valores, as convicções e os preconceitos de quem está no comando.

As três variantes se alternam e se completam, produzindo a desinformação não apenas no público, mas também ao longo da linha de produção da notícia. (...)"

52 - (UFJF MG)

Entre todas as sentenças abaixo, retiradas do texto lido, **SÓ NÃO** há enunciado metafórico em:

a) "(...) A própria liturgia do ofício jornalístico parece ainda estar envolta no mito da neutralidade." (1º parágrafo)

b) “Em *A ética no jornalismo*, Philip Meyer cita uma frase de Katherine Carlton McAdams (ganhadora do Prêmio Carol Burnette – University of Hawaii – AEJMC para jornais de estudantes sobre ética jornalística). (...) ” (2º parágrafo)

c) “(...) ou, de outra forma, se julgarem agentes absolutamente passivos na sociedade, como uma vassoura ou uma pistola automática.” (3º parágrafo)

d) “(...) o senso comum acalenta o ideal da objetividade sobre-humana, imagina que o bom repórter (...)” (1º parágrafo)

e) “(...) Mais própria de editores e repórteres de maior patente, ela consiste em mascarar convicções (...)” (6º parágrafo)

TEXTO: 27 - Comum à questão: 53

COMO SER FELIZ

Darlene Menconi

Lá se vão mais de 100 dias desde que as primeiras denúncias de corrupção atingiram o governo Lula e lançaram o País numa espécie de desencanto coletivo. A vida seguiu, mesmo que entre a lama e o medo do caos. Mas teve mais. Os furacões Katrina e Rita varreram casas e vidas. No Iraque, corpos queimados viraram estandartes. São tempos difíceis, que nos conduzem a uma inevitável melancolia. Em meio à tormenta, salvaram–se os bons indicadores econômicos, como a recuperação da estabilidade, os recordes da exportação e a primeira queda dos juros em 17 meses. Sinais de que melhores dias virão e que vamos começar a ser felizes?

Para os cientistas especializados em bem–estar e satisfação pessoal, não poderia haver sensação mais equivocada. Não podemos condicionar a felicidade ao futuro.

Pensamos que seremos felizes depois de trocar de carro, receber aumento, encontrar um grande amor, reformar a cozinha ou quando nosso time vencer o campeonato. As recentes pesquisas sobre o assunto dizem o contrário, que a felicidade está aqui e no agora. Um grupo de notáveis, composto pelo psicólogo americano Daniel Gilbert, da Universidade de Harvard, e pelo Prêmio Nobel de Economia Daniel Katneman, da Universidade de Princeton, descobriu que a felicidade nunca é tão boa quanto se imaginava nem dura tanto quanto se pensava. O melhor é que o mesmo princípio vale para a infelicidade, que não dura para sempre nem é tão nefasta assim.

"Erramos ao tentar prever o que nos fará felizes, seja quando isso significa um romance, seja quando significa um novo carro ou uma refeição suntuosa", explica o professor Gilbert. Ou seja, uma Mercedes na garagem não vai fazê–lo mais feliz. Nem sapatos Manolo Blahnik, muito menos uma televisão de plasma. Tudo isso pode exercer fascínio, trazer conforto, representar uma conquista, mas está longe de trazer uma sensação permanente de satisfação.

Definir felicidade é tão complexo e abstrato quanto decifrar a insanidade. Desde a Grécia Antiga, os filósofos estabeleceram uma diferença entre ser e estar feliz. Nos últimos séculos, o tema mobilizou artistas, pensadores, intelectuais e produziu frases antológicas. "O segredo da felicidade é encarar o fato de que o mundo é horrível, horrível, horrível", resumiu o filósofo Bertrand Russel, prêmio Nobel de Literatura. Já Ingrid Bergman, a atriz de Casablanca, dizia que "felicidade é ter boa saúde e péssima memória". Para os psicólogos, ser feliz é estar bem.

O psiquiatra e psicoterapeuta Flávio Gikovate vai lançar um livro sobre o que ele chama de medo da felicidade. Segundo ele, todos buscam esse estado de espírito privilegiado, mas acabam se desviando da rota ou se auto–sabotando por desespero. Ele percebe duas maneiras de pensar a felicidade: uma sensação de paz, completude e harmonia ou uma conquista. "O importante é perceber que a felicidade está no processo de chegada ao pódio, e não na permanência nele. Uma pessoa fica feliz ao comprar uma casa, mas esse sentimento se esvai em três semanas", diz.

O psiquiatra propõe que a felicidade seja vista como algo dinâmico. É, em primeiro lugar, na obtenção de quatro requisitos mínimos: saúde física, estabilidade financeira mínima, boa relação afetiva e integração social. A partir dessas conquistas, alcança–se o ponto de equilíbrio e o que vier é lucro. A felicidade inclui ainda auto–estima, o cuidado consigo e os prazeres intelectuais, como curtir uma boa música, um bom livro, se deleitar com um poema ou uma idéia nova. "Quem passa a tarde de domingo em frente à televisão assistindo ao Gugu ou o Faustão não pode ser plenamente feliz".

Enfrentar os problemas cotidianos já é uma forma de buscar satisfação. "Felicidade é algo que independe do que está a nossa volta. Desfrutar e saborear a vida é o nosso maior compromisso. As coisas ruins também fazem parte da vida e quem aceita isso enfrenta melhor o sofrimento, sem perder os momentos de alegria", diz o psicanalista Luiz Alberto Py. O ser humano tem uma capacidade inigualável de aceitar e se adaptar. Durante mais de duas décadas, um psicólogo conhecido como Doutor Felicidade procura motivações que levam as pessoas a se sentirem satisfeitas com a vida.

Professor da universidade de Illinóis, o americano Edward Diener notou que os dois bem realizados eram aqueles que se cercavam da família, dos amigos e, mais importante, sabiam perdoar.

53 - (UNIMONTES MG)

Em “Quem passa a tarde de domingo em frente à televisão assistindo ao Gugu...”, substitui–se o nome do programa pelo nome de seu apresentador, criando–se, dessa maneira, a figura de linguagem denominada

a) metáfora

b) metonímia

c) ironia

d) personificação

TEXTO: 28 - Comum à questão: 54

DEIXEM JESON EM PAZ

André Petry

Sou a favor da legislação da eutanásia. É uma louvável alternativa que o homem encontrou para morrer com dignidade, para evitar o suplício das dores vãs. Mesmo assim, mesmo defendendo que a eutanásia seja um direito disciplinado na lei brasileira, eu precisaria ser louco para apontar o dedo, atirar uma pedra ou escrever uma linha que fosse contra a atitude de Rosemara dos Santos Souza, a mãe de Jhéck Breener de Oliveira, que luta para impedir que seu filho seja submetido à eutanásia. O pequeno Jhéck, 4 anos, está num leito de UTI, vítima de uma doença degenerativa irreversível. Já perdeu a fala, a visão, o movimento dos braços e pernas, alimenta–se por meio de sonda e respira com ajuda de aparelhos. A luta de Rosemara merece respeito e, onde quer que ela apareça, assim tem sido. A luta de Jeson de Oliveira, o pai de Jhéck, também deveria ser respeitada. Mas é nesse ponto que a história se complica.

Jeson queria pedir à Justiça que seu filho fosse submetido à eutanásia. Ele não suporta ver o seu filho preso a uma cama, inerte, morto para a vida, sem andar de bicicleta, tomar um sorvete, apontar pra Lua, desenhar um elefante, bater palmas, sorrir. E o que se fez com esse pobre homem? Não lhe deram uma lasca de respeito. Jeson foi hostilizado, xingado, difamado. Foi acusado de assassino, de querer matar o próprio filho! Jeson pensou até em se mudar de Franca, a cidade paulista onde mora e onde seu filho está internado, porque já não podia caminhar na rua em paz. Ceifaram–lhe o direito de ir à Justiça. Questionaram–lhe até a sanidade mental, sugerindo que

procurasse tratamento psiquiátrico – forma maliciosa de sugerir que a eutanásia é coisa de gente mentalmente perturbada. Jeson, afinal, desistiu de tentar a eutanásia do filho.

"Desisto oficial e definitivamente. Quero dar chances à mãe e estou entregando meu filho a Deus", disse ele, numa entrevista, na véspera do feriado de 7 de setembro. O pai de Jhéck, claro, tem todo o direito de mudar de idéia (e, pessoalmente, saúdo que tenha conseguido dominar seu sofrimento para ceder à vontade da mãe de Jhéck).

O dado repugnante é a intolerância da qual foi vítima. Jeson virou a Geni da Franca, só faltou ser apedrejado nas ruas. Os adversários da eutanásia – religiosos dogmáticos, em geral – não lhe deram o direito sequer de pensar em voz alta. É coisa própria das mentalidades entrevadas, dos que se sentem ungidos por forças superiores, dos que cevam suas idéias como se fossem bens supremos, perfeitos, inatacáveis.

Aos religiosos dogmáticos e intolerantes em geral, aos que sacralizam suas idéias e acham que sabem tudo na vida e do sofrimento, aqui vai um apelo: deixem o Jeson em paz! Ele já sofre o bastante com um filho que perdeu a liberdade de viver para tornar–se um prisioneiro da vida. A eutanásia, caros intolerantes, pode ser, sim, um ato de amor.

Revista Veja, 14–09–05

54 - (UNIMONTES MG)

"Jeson foi hostilizado, xingado, difamada."

Na frase acima, a disposição dos adjetivos resulta na intensificação progressiva de seus significados, dando origem à seguinte figura de estilo:

a) gradação

b) enumeração

c) hipérbole

d) eco

TEXTO: 29 - Comum à questão: 55

TEXTO I

TEXTO II

(MENEZES, Philadelpho. Poesia concreta e visual. São Paulo: Ática, 1998.)

55 - (UFMT)

A palavra Chiclets (TEXTO I) é marca de uma goma de mascar. Com o tempo, chiclets passou a designar qualquer goma de mascar, processo que ocorreu também com a marca BomBril. Esse recurso de alteração de sentido denomina-se

a) metáfora.

b) antítese.

c) metonímia.

d) eufemismo.

e) ironia.

TEXTO: 30 - Comum à questão: 56

PRINCÍPIO

No princípio era sol sol sol.
O Amazonas ainda não estava pronto.
As águas atrasadas
derramavam-se em desordem pelo mato.

O rio bebia a floresta.

Depois veio a Cobra Grande. Amassou a terra elástica
e pediu para chamar sono.
As árvores enfastiadas de sol combinaram silêncio.
A floresta imensa chocando um ovo!

Cobra Grande teve uma filha. Ficou moça.
Um dia
ela disse que queria conhecer homem.
Mas não encontraram rasto de homem.

Então
começaram a adivinhar horizontes
e mandaram buscar de muito longe um moço.

Ai! que houve festa na floresta!

Mas a filha da Cobra Grande não queria dormir com o noivo

porque naquele tempo não havia noite.

A noite estava escondida atrás da selva

dentro de um caroço de tucumã.

Ah! então vamos buscar o tucumã

pra dar de presente de casamento.

Veio o Sapo. Jabuti veio também.

O Camaleão estava esperando sono.

A onça não pôde vir porque tinha emprestado os sapatos.

Andaram. Andaram.

As vozes iam na frente procurando caminho.

Desembarcavam árvores. Raízes furavam a lama.

A floresta crescia.

Chô que depois de muito andar chegaram.

- Esta é que é a noite?

- Será mesmo a noite?

- Ah! não acredito.

[35]Então vamos espiar o que tem dentro.

Quando abriram o caroço

houve um estouro imenso

que cobriu tudo de escuro.

A floresta inchou.

[40]Árvores saíram correndo.

Um pedaço da noite entrou na barriga do Sapo.

Então

a filha da Cobra Grande pôde fazer dormezinho com o noivo.

(MASSI, Augusto. (Org. e Coment.) Poesia completa de Raul Bopp. Rio de Janeiro: José Olympio; São Paulo: Edusp, 1998.)

Água, s.f.

Da água é uma espécie de remanescente quem já

incorreu ou incorre em concha

Pessoas que ouvem com a boca no chão seus

rumores dormidos pertencem das águas

Se diz que no início eram somente elas

Depois é que veio o murmúrio dos corgos para dar

testemunho do nome de Deus

(BARROS, Manoel de. Arranjos para assobio. Rio de Janeiro: Record, 1998.)

56 - (UFMT)

Quanto ao emprego de recursos expressivos no poema PRINCÍPIO, assinale a afirmativa correta.

a) Em No princípio era sol sol sol. (linha 1), a repetição lexical enfatiza a presença de altas temperaturas.

b) Em – Ah! não acredito. (linha 34), o sentido das duas frases anteriores é retomado pelo mecanismo da elipse.

c) Em Depois veio a Cobra Grande. (linha 6) e Então/começaram a adivinhar horizontes (linhas 14 e 15), os conectores têm a função argumentativa de alternar ações.

d) Em fazer dormezinho com o noivo. (linha 43) e em buscar de muito longe um moço. (linha 16), as palavras sublinhadas remetem a pessoas diferentes.

e) Na última estrofe, o conector então é vazio de significado por constituir isoladamente um verso.

TEXTO: 31 - Comum à questão: 57

Texto 1

MINISTÉRIO DA SAÚDE
MAIS ATENÇÃO A VOCÊ
HIPERTENSO, ALÉM DO MINISTÉRIO DA SAÚDE, OUTROS ÓRGÃOS TAMBÉM SE PREOCUPAM COM VOCÊ.
PRATIQUE SAÚDE.

Dar mais atenção a você é uma prioridade do Ministério da Saúde, mas é um compromisso que você também deve ter principalmente quem tem pressão alta. Se você é hipertenso, evite sal na comida. É importantíssimo uma alimentação saudável. Não fume, controle o seu peso e a taxa de colesterol. Faça acompanhamento periódico e pratique atividade física regularmente, mas nunca sem consultar um médico. Os postos de saúde estão prontos para atender você.

57 - (EFOA MG)

"Os postos de saúde estão prontos para atender você."

No fragmento acima ocorre um processo de substituição de um termo por outro que com ele apresenta relação de sentido. Assinale a afirmativa abaixo em que ocorre tal processo lógico-semântico:

a) O avião decolou, ganhou altura e caiu.

b) O leão do imposto comeu todo o meu dinheiro.

c) Faltaram braços para se concluir o livro.

d) O carro era um foguete passando por mim.

e) O dente de alho está em cima da mesa.

TEXTO: 32 - Comum à questão: 58

Texto 2

CARTILHA DO HIPERTENSO

O que É ?

O que é pressão alta?

§1 A hipertensão, ou pressão alta, existe quando a pressão, medida várias vezes em consultório médico, é igual a 14 por 9 ou maior. Isso acontece porque os vasos nos quais o sangue circula se contraem e fazem com que a pressão do sangue se eleve. Para entendermos melhor, podemos comparar o coração e os vasos a uma torneira aberta ligada a vários esguichos. Ao fecharmos a ponta dos esguichos, a pressão irá subir. Da mesma maneira, quando o coração bombeia o sangue e os vasos estão estreitados, a pressão dentro dos vasos aumenta.

Quais são as conseqüências da pressão alta?

§2 A pressão alta ataca os vasos. Todos eles são recobertos internamente por uma camada muito fina e delicada, que é machucada quando o sangue está circulando com pressão muito alta. Com isso, os vasos se tornam endurecidos e estreitados e podem, com o passar dos anos, entupir ou romper-se. Quando isso acontece no coração, o entupimento de um vaso leva à angina e pode ocasionar infarto. No cérebro, o entupimento ou rompimento de um vaso leva ao "derrame cerebral" ou AVC. Nos rins também pode ocorrer entupimento, levando à paralisação dos rins. Todas essas situações são muito graves e podem ser evitadas com o controle da pressão alta.

Quem tem pressão alta?

§3 A pressão alta, ou hipertensão, é uma doença muito comum, que acomete uma em cada cinco pessoas. Entre os idosos, ela chega a atacar uma em cada duas pessoas. Também as crianças podem ter pressão alta. Costumamos dizer que a pressão alta é uma doença "democrática", porque ataca homens e mulheres, brancos e negros, ricos e pobres, idosos e crianças, gordos e magros, pessoas calmas e nervosas.

Que cuidados devo ter com meus filhos se tenho pressão alta?

§4 Quem tem pressão alta deve orientar seus filhos a medir a pressão a cada seis meses ou no máximo a cada ano, para que o diagnóstico da doença seja feito pouco tempo depois do seu aparecimento.

Por que as pessoas têm pressão alta?

§5 Na maioria das pessoas que têm pressão alta, esta aparece porque é herdada dos pais. Sabe–se que os que têm o pai, a mãe ou ambos com pressão alta têm maior chance de adquirir a doença. Hábitos de vida inadequados também são importantes: a obesidade, a ingestão excessiva de sal ou de bebida alcoólica e a inatividade física podem contribuir para o aparecimento da pressão alta.

Pressão alta tem cura?

§6 A pressão alta é uma doença crônica e dura a vida toda. Ela pode ser controlada, mas não curada. Na maioria das vezes, não se conhece o que causa a pressão alta nem como curá-la, mas é possível controlar a doença, evitando que a pessoa tenha a vida encurtada. O tratamento para pressão alta também evita o infarto do coração, o derrame cerebral e a paralisação dos rins.

Como tratar a pressão alta?

§7 O tratamento para pressão alta dura a vida toda. Deve ser feito com remédios que ajudam a controlar a pressão e com hábitos de vida saudáveis, como diminuir a ingestão de sal e bebidas alcoólicas, controlar o peso, fazer exercícios físicos, evitar o fumo e controlar o estresse.

Importância do exercício físico

Como o exercício físico ajuda no controle da pressão alta?

§8 O exercício físico ajuda a baixar a pressão. Muitas vezes, quem tem pressão alta e começa a fazer exercícios pode diminuir a dose dos medicamentos, ou mesmo ter a pressão arterial controlada sem o uso de remédios. O exercício físico adequado não apresenta efeitos colaterais e traz vários benefícios para a saúde, tais como ajudar a controlar o peso e a pressão arterial, diminuir as taxas de gordura e açúcar no sangue, elevar o “bom colesterol”, diminuir a tensão emocional e aumentar a auto-estima. Para realizar exercícios físicos adequadamente, siga as seguintes dicas.

Dicas para realizar atividades físicas

§9 Não obrigue o corpo a grandes e insuportáveis esforços. Quem não está acostumado a fazer exercícios e resolve “ficar em forma” de uma hora para outra prejudica a saúde. Vá com calma.

§10 Pergunte ao médico se sua pressão está controlada e se você pode começar a se exercitar. §11 Faça um teste ergométrico (caminhar na esteira ou pedalar bicicleta, medindo a pressão arterial e a freqüência cardíaca). O médico ou um professor de educação física pode orientar sobre a melhor forma de fazer exercício.

§12 Os exercícios dinâmicos, como andar, pedalar, nadar e dançar, são os mais indicados para quem tem pressão alta. Devem ser feitos de forma constante, sob supervisão periódica e com aumento gradual das atividades.

§13 A intensidade dos exercícios deve ser de leve a moderada, pelo menos 30 minutos por dia, três vezes por semana. Se puder, caminhe diariamente. Se não puder cumprir todo o tempo do exercício em um só turno, faça-o em dois turnos.

§14 Os exercícios estáticos, como levantamento de peso ou musculação, devem ser evitados, porque provocam aumento muito grande e repentino da pressão.

§15 Ao realizar exercícios, contente-se com um progresso físico lento, sem precipitações e com acompanhamento médico. Procure realizá-los com prazer.

(Disponível em: <http://www.sbh.org.br/publico/informacoes/cartilhas/>. Acesso em: 20 jun. 2006. Adaptado.)

58 - (EFOA MG)

“A pressão alta ataca os vasos. Todos eles são recobertos internamente por uma camada muito fina e delicada, que é machucada quando o sangue está circulando com pressão muito alta.” (§ 2)

Segundo informações do fragmento acima, assinale a afirmativa INCORRETA:

a) O termo “muito” produz efeito superlativo nos adjetivos a que se refere.

b) Em “a pressão alta ataca os vasos”, o verbo “atacar” está sendo usado de forma metonímica.

c) O termo “que” está retomando a expressão “uma camada muito fina e delicada”.

d) O termo “internamente” está informando a localização da camada.

e) A expressão “todos eles” refere-se ao item lexical “vasos”.

TEXTO: 33 - Comum à questão: 59

Palavras Repetidas

(Composição: Gabriel O Pensador/Aninha Lima/ Legião Urbana)

(1a)

(2a)

(3a)

A Terra tá soterrada de violência

De guerra, de sofrimento, de desespero

A gente tá vendo tudo, tá vendo a gente

Tá vendo, no nosso espelho, na nossa frente

Tá vendo, na nossa frente, aberração

Tá vendo, tá sendo visto, querendo ou não

Tá vendo, no fim do túnel, escuridão

Tá vendo a nossa morte anunciada

Tá vendo a nossa vida valendo nada

Tô vendo, chovendo sangue no meu jardim

Tá lindo o sol caindo, que nem granada

Tá vindo um carro bomba na contramão

Tá rindo o suicida na direção

“É preciso amar as pessoas como se não houvesse amanhã

Porque se você parar pra pensar, na verdade não há.”

A bomba tá explodindo na nossa mão

O medo tá estampado na nossa cara

O erro tá confirmado, tá tudo errado

O jogo dos sete erros que nunca pára

Sete, oito, nove, dez... cem

Erros meus, erros seus e de Deus também

Estupidez, um erro simplório

A bola da vez, enterro, velório

Perda total por todos os lados

Do banco do ônibus ao carro importado

Teu filho morreu? Meu filho também

Morreu assaltando, morreu assaltado

Tristeza, saudade, por todos os lados

Tortura covarde, humilha e destrói

Eu vejo um Bin Laden em cada favela

Herói da miséria, vilão exemplar

Tortura covarde, por todos os lados

Tristeza, saudade, humilha e destrói

As balas invadem a minha janela

Eu tava dormindo, tentando sonhar

Sou um grão de areia no olho do furacão

Em meio a milhões de grãos

Cada um na sua busca

Cada bússola num coração

Cada um lê de uma forma o mesmo ponto de interrogação

Nem sempre se pode ter fé

Quando o chão desaparece embaixo do seu pé

Acreditando na chance de ser feliz

Eterna cicatriz

Eterno aprendiz das escolhas que fiz

Sem amor, eu nada seria

Ainda que eu falasse a língua de todas as etnias

De todas as falanges e facções

Ainda que eu gritasse o grito de todas as legiões

Palavras repetidas, mas quais são as palavras que eu mais quero

repetir na vida?

Felicidade, paz, é...

Felicidade, paz, sorte

Nem sempre se pode ter fé

Mas nem sempre a fraqueza que se sente

Quer dizer que a gente não é forte.

(Disponível em: www.gabrielopensador.com.br. Acesso em: 03 nov. 2005.)

59 - (EFOA MG)

Assinale a alternativa em que a expressão grifada NÃO está sendo usada em sentido metafórico:

a) “A Terra tá soterrada de violência”

b) “Tô vendo, chovendo sangue no meu jardim”

c) “A bomba tá explodindo na nossa mão”

d) “Sou um grão de areia no olho do furacão”

e) “Tá vindo um carro bomba na contramão”

TEXTO: 34 - Comum à questão: 60

"De uma perspectiva humana, e seria difícil para nós considerá-la de outra forma, a vida é algo estranho. Não esperou muito para começar, mas, depois que começou, não mostrou muita pressa em seguir em frente.

Consideremos o liquen. Os liquens estão entre os organismos visíveis mais resistentes da Terra, porém entre os menos ambiciosos. Eles crescem contentes num pátio ensolarado de igreja, mas vicejam sobretudo em ambientes aonde nenhum outro organismo iria – em topos de montanha ventosos e descampados árticos, onde quer que haja pouco mais do que rochas, chuva, frio, e quase nenhuma competição. Em áreas da Antártica onde praticamente nada mais crescerá, podem-se encontrar vastas extensões de liquens – quatrocentos tipos deles – aderindo dedicadamente a cada rocha fustigada pelo vento.

Por um longo tempo, as pessoas não conseguiam entender como eles sobreviviam. Por crescerem em rochas nuas sem alimento evidente nem produção de sementes, muitas pessoas – pessoas instruídas – acreditavam que fossem pedras surpreendidas no processo de se tornarem plantas. ‘Espontaneamente, pedras inorgânicas se tornam plantas vivas!’, afirmou exultante um observador, um tal de dr. Hornschuch, em 1819.

Uma inspeção mais detalhada mostrou que os liquens eram mais interessantes do que mágicos. Na verdade, são uma parceria entre fungos e algas. Os fungos excretam ácidos que dissolvem a superfície da rocha, liberando minerais que as algas convertem em alimento suficiente para sustentar ambos. Não é um arranjo muito empolgante, mas é claramente bem-sucedido. O mundo ostenta mais de 20 mil espécies de liquens."

(Bill Bryson, Breve História de Quase Tudo,

Companhia das Letras, SP, 2005.)

60 - (ETAPA SP)

No seguinte trecho “... e seria difícil para nós considerá-la de outra forma...”, o autor vale-se de:

a) uma metáfora.

b) uma ironia.

c) uma antítese.

d) uma personificação.

e) uma metonímia.

TEXTO: 35 - Comum à questão: 61

4 Graus

Céu de vidro azul fumaça

Quatro Graus de latitude

Rua estreita, praia e praça

Minha arena e ataúde

Não permita Deus que eu morra

Sem sair desse lugar

Sem que um dia eu vá embora

Pra depois poder voltar

Quero um dia ter saudade

Desse canto que eu cantei

E chorar se der vontade

De voltar pra quem deixei

De voltar pra quem deixei.

Fonte: http://fagner.letras.terra.com.br/letras/253766/, em 10 de maio de 2006

61 - (FGV)

No primeiro verso da canção, um recurso de estilo se destaca. Trata-se da:

a) Metáfora.

b) Metonímia.

c) Sinédoque.

d) Catacrese.

e) Antonomásia.

TEXTO: 36 - Comum à questão: 62

Texto 1

Suplemento a um suplemento ou requiem por um ladrão descuidado

Luis Nogueira

Vão meses que este teu criado, precisamente em 1 de agosto de 1996, dava-te, nestes mesmos jornal e coluna, quatro conselhos sobre a nobilíssima arte de furtar, conselhos esses que tu, [5]tolo, ignorante ou coerente com os que merecem os conselhos de um chato, deitaste-os ao caixote do lixo ou a quem simplesmente limpaste o rabo.

Na circunstância, equivalem-se desprezo e higiene íntima. A verdade é que também eu posso [10]dizer, sorrindo maquiavelicamente do alto do meu conselheirismo, que, por não me teres dado ouvidos, estás agora a pagá-las. Perdoa-me ter que te recordar (com agradado sadismo, diga-se de passagem...) a insistência com que te recomendava [15]que estudasses dois capítulos da Arte de Furtar: "Dos que furtam com unhas descuidadas" e "Dos que furtam com unhas sábias". Não sei se o fizeste, mas o provável é que, neste tempo de descuido e de pouca cultura, o não tenhas feito, ou,

se o fizeste, não entendeste, ou, se entendeste, não levaste à prática. Seja como for, não te aproveitou, mormente o que se refere à arte do gamanço com unhas sábias.

Dizia-te, igualmente, expondo uma regra que considero essencial para gatuno debutante, que nunca roubasses em tom menor, que deixasses o pequeno roubo para o pequeno ladrão, aquele que não quer verdadeiramente enriquecer, prosperar, chegar entre lágrimas e gritas de honra ofendida às páginas mais brilhantes das revistas do coração e partes mais abaixo, ou seja, para aquele que quer apenas agüentar o cadáver do dia a dia, o ladravaz de vistas curtas, sem olhos para o futuro. Citava-te até o velho, e hoje atualíssimo dito popular: ladrão é (só) quem rouba um pão...

Linhas adiante, instruía-te sobre a melhor maneira de proceder se fosses apanhado: que fizesses estardalhaço, que chorasses baba e ranho, que pedisses aos amigos para te escreverem livros a ilibar-te, que desses entrevistas, que fosses exibir as chagas do teu martírio à Assembléia da República. Mas tu não quiseste ouvir.

Um último conselho preconiza o uniforme do ladrão que se preza com uma acutilância sociológica de que, modéstia à parte, ainda agora me envaideço. Mas tu não foste capaz do esforço de comprar, adquirir a crédito ou bifar (primeiro e justificado roubo de um futuro brilhante) a roupinha adequada ao gamanço de alto bordo. De maneira que aí te estou a ver, a ti ou a outro dos milhares de ingênuos como tu, na fotografia, na UEM/CVU reportagem da TV: cabeça curva (péssimo corte de cabelo, filho, ficavas melhor careca!), camisa de quadrados, jeans mal amanhados, sapatilhas, mãos atrás das costas e um bufo de cada lado, asas merecidas para o anjola que és. Francamente, meu caro!

A tua incapacidade de ouvires e seguires o que te dei e que levou-te ao sítio onde estás, grades, droga, sodomia e sida, e onde, graças à longa cana que apanhaste, podes agora ler e aprender. E, se leres os jornais destes dias, verificarás como eu infelizmente tenho razão. Vê como estão prosperados, a são e salvo, inapagáveis sorrisos e gravatas de seda pura, vê como nadam com soberba nas águas agitadas, mas vencíveis, da política e da finança os tais que agiram segundo as minhas recomendações, não porque as tivessem lido, já andavam no gadanho antes de eu ter escrito o tal escrito. Ninguém ensina um peixe a nadar, mas os mamíferos como tu têm que aprender a mergulhar segundo os conselhos dos mais avisados.

Olha para eles, meu parvo: ilibados, sorridentes, acusando agora os acusadores e de novo deslizando pelos carris da carreira. Pelo menos até à próxima, porque cesteiro que faz um cesto, faz um cento. Só que os tais sabem-se capazes de quebrar futuras acusações, o pecúlio acumulado permite-lhes contratar e pagar a quem saiba abrir os mil alçapões de que a lei é feita.

Adaptação do texto disponível em <www.freipedro.pt>.

Acesso em 29/09/05.

acutilância: agudeza de experiência.

amanhado: arranjado, enfeitado.

gadanho: garra de ave de rapina (águia, falcão).

gamar: bifar, afanar, surrupiar, roubar.

gamanço: roubo.

maquiavelicamente: astuciosmente, traiçoeiramente.

sida: síndrome da imunodeficiência adquirida; aids.

sítio: lugar, local.

requiem: marcha fúnebre.

Texto 2

Arte de furtar

Questão é se há-de ter o príncipe muitos conselheiros se um só. (...) Outra questão é se devem ser conselheiros os letrados, se idiotas [leia-se: simples curiosos, amadores], isto é de [5]capa e espada. Uns dizem que os letrados, com o muito que sabem, duvidam em tudo e nada resolvem, e os idiotas, com a experiência sem especulações, dão logo no que convém. Outros têm para si que as letras dão luz a tudo e que a [10]ignorância está sujeita a erros. E eu digo que não seja tudo letrados, nem tudo idiotas.

(...) Outra questão se segue a esta (...) se é melhor para a República ser o príncipe bom e os conselheiros maus ou serem os conselheiros bons [15]e o príncipe mau. Se o príncipe se governar por seus conselheiros, diz Elio Lamprídio, que pouco vai em que o príncipe seja mau, se os conselheiros forem bons, porque depressa se faz bom um mau com o exemplo de muitos bons, que muitos maus [20]bons com o exemplo e conselho de um bom.

(...) O conselheiro há-de ser prudente e secreto, sábio e velho, amigo e sem vícios, não cabeçudo, nem temerário, nem furioso. Quatro inimigas tem a prudência: primeira, precipitação; [25]segunda, paixão; terceira, obstinação; quarta, vaidade. A primeira arrisca, a segunda cega, a terceira fecha a porta à razão, a quarta tudo tisna. Três inimigos o segredo: Baco, Vênus e o

interesse. O primeiro o descobre, o segundo o rende, o terceiro o arrasta. E perdido o segredo do governo, perde-se a República. (...)

Excerto do texto anônimo do século XVII.[1652]. Lisboa:

INCM, 1991.

temerário: audacioso, atrevido, precipitado.

tisnar: sujar, macular, enegrecer.

Texto 3

A nobre arte de furtar

Eduardo Ramos

(...) A ratonice é uma síntese de atividade admiravelmente adequada à evolução da vida nacional! Deixa de ser um objeto de ignomínia, para se converter em função intelectual da sociedade.

(...) O ladrão, seja o baixo ladrão específico, que tem os dedos impressos nos registros da polícia, ou o traficante que veste a sua rapina do título formal e notariado, a cujo serviço estão os meios judiciais de exacção, a nobre categoria dos vorazes velhacos, tão variados em suas espécies, exerce na economia de um povo influência muito benéfica, para merecer o desdém platônico de que é vítima.

Sem ladrões desapareceriam inúmeras indústrias: a dos cadeados, a dos cofres e fechaduras. Milhares de policiais expiariam na penúria a diminuição dos quadros de vigilância. O trabalho forense cairia em estado comatoso. A arrecadação dos impostos sobre transmissão de propriedade e hipotecas sofreria incalculável esbulho pela falta das transações aladroadas. As farmácias perderiam o consumo dos calmantes e mezinhas para as palpitações da miséria, e para as consumações das enfermidades que alucinam e matam prematuramente as vítimas da rapacidade. Até se arruinariam as fábricas de tecidos de véus para as viúvas, e as casas de artefatos de lutos para os sobreviventes das famílias espoliadas.

Enfim... que sei eu?! – a supressão da engenhosa arte de furtar sacudiria a sociedade em seus alicerces. O ladrão é, pois, um fator essencial na economia política.

Disponível em <www.academia.org.br>. Acesso em 29/09/05.

comatoso:em estado de coma.

esbulho: espólio, despojos, restos.

exacção: cobrança rigorosa de dívida ou imposto.

ignomínia: grande desonra, infâmia.

mezinhas: qualquer remédio caseiro.

rapacidade: tendência para o roubo ou hábito de roubar.

62 - (UEM PR)

A ironia, recorrente nos **textos 1, 2 e 3**, consiste em dizer o contrário daquilo que se está pensando ou sentindo em relação a si ou ao outro. Assinale a alternativa em que ela **não** está presente.

a) "Olha para eles, meu parvo: ilibados, sorridentes, acusando agora os acusadores e de novo deslizando pelos carris da carreira." (**texto 1**, linhas 74-76)

b) "Um último conselho preconiza o uniforme do ladrão que se preza com uma acutilância sociológica de que, modéstia à parte, ainda agora me envaideço." (**texto 1**, linhas 43-46)

c) "Outros têm para si que as letras dão a luz a tudo e que a ignorância está sujeita a erros. E eu digo que não seja tudo letrados, nem tudo idiotas." (**texto 2**, linhas 8-11)

d) "A ratonice é uma síntese de atividade admiravelmente adequada à evolução da vida nacional!" (**texto 3**, linhas 1-3)

e) "Enfim... que sei eu?! – a supressão da engenhosa arte de furtar sacudiria a sociedade em seus alicerces." (**texto 3**, linhas 30-32)

TEXTO: 37 - Comum à questão: 63

Em volta da moça

Já então os dois gêmeos cursavam, um a Faculdade de Direito, em S. Paulo; outro a Escola de Medicina, no Rio. Não tardaria muito que saíssem formados e prontos, um para [5]defender o direito e o torto da gente, outro para ajudá-la a viver e a morrer. Todos os contrastes estão no homem.

Não era tanta a política que os fizesse esquecer Flora, nem tanta Flora que os fizesse esquecer [10]a política. Também não eram tais as duas que prejudicassem estudos e recreios. Estavam na idade em que tudo se combina sem quebra de essência de cada coisa. Lá que viessem a amar a pequena com igual força é o que se podia [15]admitir desde já, sem ser preciso que ela os atraísse de vontade. Ao contrário, Flora ria com ambos, sem rejeitar nem aceitar especialmente nenhum; pode ser até que nem percebesse nada. Paulo vivia mais tempo ausente. Quando [20]tornava pelas férias, como que a achava mais cheia de graça. Era então que Pedro multiplicava as suas finezas para se não deixar vencer do irmão, que vinha pródigo delas. E Flora recebia-as todas com o mesmo rosto amigo.

[25]Note-se – e este ponto deve ser tirado à luz, – note-se que os dois gêmeos continuavam a ser parecidos e eram cada vez mais esbeltos. Talvez perdessem estando juntos, porque a semelhança diminuía em cada um deles a feição pessoal. [30]Demais, Flora simulava às vezes confundi-los, para rir com ambos. E dizia a Pedro:

– Dr. Paulo!

E dizia a Paulo:

– Dr. Pedro!

[35]Em vão eles mudavam da esquerda para a direita e da direita para a esquerda. Flora mudava os nomes também, e os três acabavam rindo. A familiaridade desculpava a ação e crescia com ela. Paulo gostava mais de conversa [40]que de piano; Flora conversava. Pedro ia mais com o piano que com a conversa; Flora tocava. Ou então fazia ambas as coisas, e tocava falando, soltava a rédea aos dedos e à língua.

Tais artes, postas ao serviço de tais graças, eram [45]realmente de acender os gêmeos, e foi o que sucedeu pouco a pouco.

(ASSIS, Machado de. Esaú e Jacó. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1962.)

63 - (UERJ)

Não tardaria muito que saíssem formados e prontos, um para defender o direito e o torto da gente, outro para ajudá-la a viver e a morrer. (l. 3 - 6)

Na passagem destacada, foram explorados diferentes recursos retóricos.

Dois desses recursos podem ser identificados como:

a) metonímia e metáfora

b) antítese e pleonasmo

c) paradoxo e ironia

d) anáfora e alusão

TEXTO: 38 - Comum à questão: 64

Por não estarem distraídos

Havia a levíssima embriaguez de andarem juntos, a alegria como quando se sente a garganta um pouco seca e se vê que por admiração se estava de boca entreaberta: eles respiravam de antemão [5]o ar que estava à frente, e ter esta sede era a própria água deles. Andavam por ruas e ruas falando e rindo, falavam e riam para dar matéria e peso à levíssima embriaguez que era a alegria da sede deles. Por causa de carros e pessoas, às [10]vezes eles se tocavam, e ao toque – a sede é a graça, mas as águas são uma beleza de escuras – e ao toque brilhava o brilho da água deles, a boca ficando um pouco mais seca de admiração. Como eles admiravam estarem juntos!

[15]Até que tudo se transformou em não. Tudo se transformou em não quando eles quiseram essa mesma alegria deles. Então a grande dança dos erros. O cerimonial das palavras desacertadas. Ele procurava e não via, ela não via que ele não [20]vira, ela que estava ali, no entanto. No entanto ele que estava ali. Tudo errou, e havia a grande poeira das ruas, e quanto mais erravam, mais com aspereza queriam, sem um sorriso. Tudo só porque tinham prestado atenção, só porque [25]não estavam bastante distraídos. Só porque, de súbito exigentes e duros, quiseram ter o que já tinham. Tudo porque quiseram dar um nome; porque quiseram ser, eles que eram. Foram então aprender que, não se estando distraído, o telefone [30]não toca, e é preciso sair de casa para que a carta chegue, e quando o telefone finalmente toca, o deserto da espera já cortou os fios. Tudo, tudo por não estarem mais distraídos.

(LISPECTOR, Clarice. Para não esquecer. São Paulo: Siciliano, 1992.)

64 - (UERJ)

A sinonímia – recurso largamente conhecido no nível vocabular – também pode se manifestar no nível textual, possibilitando a coerência entre diferentes passagens de um texto.

Os fragmentos que indicam entre si uma relação de sinonímia estão apresentados em:

a) “às vezes eles se tocavam,” (l. 9 - 10) / “Como eles admiravam estarem juntos!” (l. 13 - 14)

b) “a boca ficando um pouco mais seca de admiração.” (l. 12 - 13) / “e havia a grande poeira das ruas,” (l. 21 - 22)

c) “Tudo se transformou em não” (l. 15 - 16) / “Tudo errou,” (l. 21)

d) “o telefone não toca,” (l. 29 - 30) / “o deserto da espera já cortou os fios.” (l. 32)

TEXTO: 39 - Comum à questão: 65

O TEMPO E O AMOR

“(...) O primeiro remédio é o tempo. Tudo cura o tempo, tudo faz esquecer, tudo gasta, tudo digere, tudo acaba. Atreve-se o tempo a colunas de mármore, quanto mais a corações de cera! São as afeições como as vidas que não há mais certo sinal de haverem de durar pouco, que terem durado muito.

São como as linhas que partem do centro para a circunferência, que quanto mais continuadas, tanto menos unidas. Por isso os antigos sabiamente pintaram o amor menino porque não há amor tão robusto, que chegue a ser velho. De todos os instrumentos, com que o armou a natureza, o desarma o tempo. Afroixa-lhe o arco, com que já não atira, embota-lhe as setas, com que já não fere; abre-lhe os olhos, com que vê o que não via; e faz-lhe crescer as asas, com que voa e foge. A razão natural de toda esta diferença, é porque o tempo tira a novidade às cousas, descobre-lhe os defeitos, enfastia-lhe o gosto, e basta que sejam usadas para não serem as mesmas. Gasta-se o ferro com uso, quanto mais o amor? O mesmo amar é causa de não amar, e o ter amado muito, de amar menos.”

VIEIRA, Pe. Antônio. Sermão do Mandato. IN: Sermões. São Paulo:

Companhia Editora Nacional, 1957, p. 87.

65 - (UFCG PB)

Com base no texto II, NÃO há correlação entre o exemplo citado e a figura em:

a) "... haverem de durar pouco, que terem durado muito." (linha 3) - Antítese

b) "O primeiro remédio é o tempo." (linha 1) - Metáfora

c) "Tudo cura o tempo, tudo faz esquecer, tudo gasta, tudo digere, tudo acaba." (linha 1) - Anáfora

d) "...o tempo tira a novidade às cousas, descobre-lhe os defeitos." (linha 8) - Prosopopéia

e) "...amar é causa de não amar." (linha 9 -10) – Hipérbole

TEXTO: 40 - Comum à questão: 66

O texto a seguir é um trecho do artigo "Fé cega e ciência amolada" (Folha de S. Paulo, 18/05/03 – Cad. Mais, p. 18), de autoria de Marcelo Gleiser, professor de física teórica do Dartmouth College (EUA). Leia–o, com atenção, para responder às questões:

Texto 2

[01] Outro dia, um caro leitor me enviou uma mensagem com uma pergunta que deve ter ocorrido a muitos outros. Ele disse algo como (aqui parafraseio, mantendo o significado, mas não o conteúdo original): "Você escreveu que nossos corpos são atravessados a cada segundo por bilhões de neutrinos e outras partículas invisíveis, sem [05] que possamos percebê-lo. Para aqueles que não têm acesso a qualquer comprovação concreta dessa afirmativa em um laboratório, ela pode parecer tão fantástica quanto se alguém disser que vê Jesus em seu espelho quando se barbeia todas as manhãs".

Minha reação imediata foi escrever de volta dizendo: “Mas que bobagem. É claro que não se pode comparar uma afirmação científica com uma baseada na palavra de um indivíduo, especialmente sobre um fenômeno sobrenatural, como uma aparição. Afinal, a ciência não se baseia na aceitação cega de afirmativas, mas em testes concretos, quantitativos, aplicados por cientistas escrupulosos”. Porém, ao refletir um pouco mais, percebi que a minha afirmação sobre neutrinos bombardeando os nossos corpos não tem a priori mais valor do que qualquer outra afirmação, feita por qualquer outra pessoa sobre qualquer assunto. Afinal, para alguém fora da ciência, dar legitimidade de graça à palavra de um cientista não é assim tão automático quanto os cientistas acreditam. (...)

Aqui o cientista encontra o desafio de tentar ultrapassar barreiras criadas por sua linguagem especializada e seu treinamento técnico. Para um cientista, a discussão é absurda, uma perda de tempo. É claro que suas afirmações devem ser levadas a sério: assim é a ciência, construída justamente para evitar a aceitação de informações baseadas em especulações e crenças individuais. Em ciência, qualquer hipótese, antes de ser aceita, deve ser averiguada através de testes experimentais, seja em laboratório ou por meio de observações, como no caso da astronomia. (...) Essa é a faca amolada da ciência, que respeita apenas os resultados comprovados por grupos independentes de cientistas.

66 - (UFMS)

A expressão “faca amolada”, utilizada pelo autor no final do 3º parágrafo, é

a) uma metonímia, porque toma o instrumento pela ação.

b) um eufemismo, porque substitui uma expressão desagradável por outra, mais agradável.

c) uma metáfora, porque faz uma comparação implícita entre dois “objetos”.

d) uma prosopopéia, porque atribui a um ser inanimado qualidades e sentimentos humanos.

e) uma hipérbole, porque implica uma afirmação exagerada.

TEXTO: 41 - Comum às questões: 67, 68

Sobre a polêmica das charges que acirrou os ânimos dos muçulmanos contra órgãos de imprensa ocidentais, um artigo apresentou mais uma faceta.

"A Anatomia de Uma Crise

[1]Tudo começou em tom frugal e inócuo. Um jornal dinamarquês decidiu testar a susceptibilidade muçulmana e [2]marcar pontos banais no quesito 'liberdade de expressão'.

[3]Consciente de que a fé islamita proíbe a representação icônica do profeta Maomé, um editor do "Jullands-Posten" [4][sic] convocou os cartunistas do país a submeterem charges ironizando a inflexibilidade canônica dos maometanos e [5]satirizando seu profeta. Uma dúzia de desenhistas prontificou-se a cumprir a tarefa. Uma vez publicadas, as caricaturas [6]deflagraram a mais do que prevista ira dos ofendidos, e a tentativa por parte de clérigos islamitas residentes na Dinamarca [7]de censurarem a crítica jocosa. Jornais da Noruega, e mais tarde de outros países europeus, reeditaram os desenhos, num [8]ato de solidariedade à sacrossanta liberdade de imprensa, uma fortaleza inexpugnável da democracia ocidental.

[9]O incidente, até esse ponto, limitava-se à altercação de natureza verbal. Líderes de comunidades muçulmanas [10]estabelecidas na Europa argumentavam que a liberdade de expressão não deveria servir de pretexto para a ridicularização [11]da fé alheia; apologistas das caricaturas justificavam que ofender era uma prerrogativa das sociedades abertas.

[12]Indiferente à tempestade que aos poucos ia ganhando consistência ao seu redor, o Primeiro Ministro dinamarquês [13]esnobou a petição de um grupo de embaixadores árabes para um encontro formal, onde a questão seria abordada de forma [14]diplomática."

http://www.duplipensar.net/dossies/crise-das-charges-de-maome/algo-de-podre-no-reino-da-dinamarca-ou-no-senso-de-humor-islamico.html (acessado em 1º de março de 2006)

67 - (UFPel RS)

Como você certamente deve se lembrar, a metáfora é o emprego de uma palavra ou expressão cujo significado natural é substituído por outro, em virtude de uma relação de semelhança subentendida. Assim, quando dizemos que "ela está uma arara", obviamente não há nada de penas multicoloridas no estado atual dela.

Percebe-se, ao longo do texto, a recorrência da linguagem metafórica para conferir um tom mais convidativo ao leitor.

Assinale o trecho/expressão que DISPENSA esse recurso.

a) “A anatomia de uma crise” (título)

b) “Tudo começou em tom frugal e inócuo.” (linha 01)

c) “[...] decidiu [...] marcar pontos banais no quesito ‘liberdade de expressão’” (linhas 01-02)

d) “Consciente de que a fé islamita proíbe a representação icônica do profeta Maomé” (linha 03)

e) “Indiferente à tempestade que aos poucos [...]”(linha 12)

68 - (UFPel RS)

Assinale a alternativa em que a interpretação do texto tanto seja com ele coerente quanto se valha de uma metáfora.

a) Aos poucos, a comunidade islâmica percebe que não pode seguir sendo uma ilha ante o Ocidente.

b) O questionamento da liberdade de imprensa é o calcanhar de Aquiles da sociedade européia.

c) idolatria a Maomé arrefeceu os ânimos da imprensa européia.

d) O respeito à soberania política islâmica é o ponto nevrálgico da questão.

e) Na queda-de-braço entre o Ocidente e os muçulmanos, a liberdade de imprensa foi usada como álibi.

TEXTO: 42 - Comum à questão: 69

Mapas

Minha amnésia durou pouco. De repente eu perdi a noção de espaço. Desconheci caminhos. Ia para a direita quando deveria ir para a esquerda. (...)

Já fazia algum tempo que eu estava a pensar num aprendizado extremamente complicado que acontece, sem que disso nos apercebamos: somos desenhadores de mapas.

A cabeça é um arquivo de mapas. Para ir do quarto à cozinha a criança consulta o mapa de sua casa, que ela desenhou na cabeça. Ela caminha sem cometer erros. Também os adultos: gavetas, armários, caixas, álbuns. Por causa do mapa da casa que temos na cabeça, ao necessitar de uma agulha, de um lápis, de um martelo, de um remédio, não saímos a procurar a esmo. Vamos diretamente ao lugar indicado pelo mapa. Vêm depois os mapas das redondezas, da cidade, ruas, praças, bares, restaurantes, farmácias, hospitais – tudo organizado. É dizer o nome de um lugar para que o computador espacial cerebral trace imediatamente o caminho para se chegar até lá. Cidades, estradas, país. O universo.

Nos céus, as constelações. Norte, sul, leste, oeste. Direções. Os navegadores de antigamente viam as rotas na terra refletidas nas estrelas do céu. Até a Lua, até Marte. Sem os mapas mentais, somos crianças perdidas numa cidade grande desconhecida.

(Rubem Alves. http://rubemalves.uol.com.br/quartodebadulaquesXLII.htm)

69 - (UNIFOR CE)

As palavras estão ordenadas segundo o critério de uma expansão gradativa e crescente do espaço na seguinte seqüência:

a) armários, caixas, álbuns.

b) norte, sul, leste, oeste.

c) cidades, estradas, país.

d) agulha, lápis, martelo, remédio.

e) bares, restaurantes, farmácias.

TEXTO: 43 - Comum às questões: 70, 71, 72

Pastora de nuvens, fui posta a serviço

por uma campina tão desamparada

que não principia nem também termina,

e onde nunca é noite e nunca madrugada.

(Pastores da terra, vós tendes sossego,

que olhais para o sol e encontrais direção.

Sabeis quando é tarde, sabeis quando é cedo.

Eu, não.)

Cecília Meireles

Esse trecho faz parte de um poema de Cecília Meireles, intitulado Destino, uma espécie de profissão de fé da autora.

70 - (FGV)

Considerando-se as figuras de linguagem utilizadas no texto, pode-se dizer que

a) as duas estrofes são uma metáfora de um pleno sentimento de paz.

b) o texto revela a antítese entre dois universos de atuação, com diferentes implicações.

c) há, nos versos, comparação entre atividades agrícolas e outras, voltadas à pecuária.

d) o verso “Sabeis quando é tarde, sabeis quando é cedo.” contém uma hipérbole.

e) as estrofes apresentam, em sentido figurado, a defesa da preservação das ocupações voltadas ao campo.

71 - (FGV)

Em campina desamparada, ocorre uma figura de linguagem que pode ser denominada como

a) anáfora.

b) hipérbole.

c) personificação.

d) perífrase.

e) eufemismo.

72 - (FGV)

No último verso da 2ª estrofe — Eu, não. — está presente a figura chamada de

a) ironia.

b) metáfora.

c) pleonasmo.

d) sinestesia.

e) zeugma.

TEXTO: 44 - Comum à questão: 73

Os meninos deitaram-se e pegaram no sono. Sinhá Vitória pediu o binga ao companheiro e acendeu o cachimbo. Fabiano preparou um cigarro. Por enquanto estavam sossegados. O bebedouro indeciso tornara-se realidade. Voltaram a cochichar projetos, as fumaças do cigarro e do cachimbo misturaram-se. Fabiano insistiu nos seus conhecimentos topográficos, falou no cavalo de fábrica. Ia morrer na certa, um animal tão bom. Se tivesse vindo com eles, transportaria a bagagem. Algum

tempo comeria folhas secas, mas além dos montes encontraria alimento verde. Infelizmente pertencia ao fazendeiro - e definhava, sem ter quem lhe desse a ração. Ia morrer o amigo, lazarento e com esparavões, num canto de cerca, vendo os urubus chegarem banzeiros, saltando, os bicos ameaçando-lhe os olhos. A lembrança das aves medonhas, que ameaçavam com os bicos pontudos os olhos de criaturas vivas, horrorizou Fabiano. Se elas tivessem paciência, comeriam tranqüilamente a carniça. Não tinham paciência, aquelas pestes vorazes que voavam lá em cima, fazendo curvas.

- Pestes.

73 - (FGV)

Encontra-se aliteração no seguinte trecho do texto:

a) Voltaram a cochichar projetos...

b) ...as fumaças do cigarro e do cachimbo misturaram-se.

c) A lembrança das aves medonhas...

d) Não tinham paciência...

e) ...

TEXTO: 45 - Comum à questão: 74

[1]"No Grupo Escolar da Barra Funda, Aristodemo Guggiani aprendeu em três anos a roubar [2]com perfeição no jogo de bolinhas (garantindo o tostão para o sorvete) e ficou sabendo na [3]ponta da língua que o Brasil foi descoberto sem querer, e é o país maior, mais belo e mais [4]rico do mundo. O professor, Seu Serafim, todos os dias ao encerrar as aulas limpava os [5]ouvidos com o canivete (brinde do Chalé da Boa Sorte) e dizia olhando o relógio:
[6]– Antes de nos separarmos, meus jovens discentes, meditemos uns instantes no porvir da [7]nossa idolatrada pátria.
[8]Depois regia o hino nacional. Em seguida o da bandeira. O pessoal entoava os dois [9]engolindo metade das estrofes. Aristodemo era a melhor voz da classe. Berrando puxava o [10]coro. A campainha tocava. E o pessoal desembestava pela Rua Albuquerque Lins vaiando [11]Seu Serafim."

(Tiro de Guerra n. 35, in *Brás, Berriga e Barra Funda*. São Paulo: Martin Claret, 2004, p. 31.)

74 - (UDESC SC)

A ironia é um dos traços marcantes da obra de Alcântara Machado.

Assinale a alternativa com o fragmento em que ela **não** aparece.

a) “meditemos uns instantes no porvir da nossa idolatrada pátria.” (linhas 6-7)

b) “aprendeu em três anos a roubar com perfeição no jogo de bolinhas” (linhas 1-2)

c) “ao encerrar as aulas limpava os ouvidos com o canivete (brinde do Chalé da Boa Sorte)” (linhas 4-5)

d) “Aristodemo era a melhor voz da classe. Berrando puxava o coro.” (linhas 9-10)

e) “O pessoal entoava os dois engolindo metade das estrofes.” (linhas 8-9)

TEXTO: 46 - Comum à questão: 75

Texto I

Querendo ter Amor ardente ensaio,

Quando em teus olhos seu poder inflama,

Teus sóis me acendem logo chama a chama.

Teus sóis me cegam logo raio a raio.

Manuel Botelho de Oliveira

(poeta brasileiro do século XVII)

Texto II

A Musa de collant faz ginástica vamp.

Inteiramente pública, áspera, ofegante,

os olhos flamejantes, a boca free-lancer.

Arde barroca e fere o sol, concomitante.

Felipe Fortuna

(poeta brasileiro da atualidade)

75 - (Mackenzie SP)

Assinale a alternativa correta sobre o texto I.

a) Em *seu poder* (verso 02), o pronome possessivo refere-se ao poder da mulher amada.

b) O paralelismo sintático entre os versos 3 e 4 reforça a idéia de que “acender” e “cegar” se equivalem em intensidade.

c) No verso 01 — *Querendo ter Amor ardente ensaio* — a palavra destacada tem o sentido de “quanto mais quer”.

d) Em *me cegam* (verso 04), o pronome me poderia ser corretamente substituído por “lhe”, caso o complemento do verbo fosse de terceira pessoa.

e) No verso 03, *logo* produz ambigüidade de sentido, assim como em “Ela é perseverante, logo resolverá o problema”.

TEXTO: 47 - Comum à questão: 76

[01]A bem dizer, sou Ponciano de Azeredo Furtado, coronel de patente, [02]do que tenho honra e faço alarde. Herdei do meu avô Simeão terras [03]de muitas medidas, gado do mais gordo, pasto do mais fino. Leio no [04]corrente da vista e até uns latins arranhei em tempos verdes da [05]infância, com uns padres-mestres a dez tostões por mês. Digo, [06]modéstia de lado, que já discuti e joguei no assoalho do Foro mais [07]de um doutor formado. Mas disso não faço glória, pois sou sujeito [08]lavado de vaidade, mimoso no trato, de palavra educada. Já morreu [09]o antigamente em que Ponciano mandava saber nos ermos se havia [10]um caso de lobisomem a sanar ou pronta justiça a ministrar. Só de [11]uma regalia não abri mão nesses anos todos de pasto e vento: a de [12]falar alto, sem freio nos dentes, sem medir consideração, seja em [13]compartimento do governo, seja em sala de

desembargador. Trato as [14]partes no macio, em jeito de moça. Se não recebo cortesia de igual [15]porte, abro o peito:

[16]— Seu filho de égua, que pensa que é?

José Cândido de Carvalho – O coronel e o lobisomem: deixados do Oficial

Superior da Guarda Nacional, Ponciano de Azeredo Furtado,

natural da praça de Campos de Goitacazes

Obs: *compartimento do governo* - repartição pública

76 - (Mackenzie SP)

Assinale a alternativa correta.

a) A expressão *até uns latins arranhei* (linha 04) deve ser entendida, no contexto, com o seguinte sentido: "entre outros, consegui até cometer erros em língua latina".

b) Ao dizer *joguei no assoalho do Foro mais de um doutor formado* (linhas 06 e 07), o narrador se vale de uma imagem concreta para expressar uma superioridade intelectual.

c) Na seqüência *sou sujeito lavado de vaidade, mimoso no trato, de palavra educada (linhas 07 e 08), o narrador se diz lavado de vaidade* (linha 08), e, pelo detalhamento realizado em seguida, confirma sua modéstia.

d) A expressão *seja em compartimento do governo, seja em sala de desembargador* (linhas 12 e 13) aproxima duas circunstâncias e as iguala quanto a sua importância no ambiente social.

e) O segmento grifado em *Trato as partes no macio,* ***em jeito de moça*** (linhas 13 e 14) constitui uma correção do sentido que macio pode expressar, denotando mudança de perspectiva do narrador em relação ao modo como tratava as pessoas.

TEXTO: 48 - Comum à questão: 77

MAR PORTUGUÊS

Ó mar salgado, quanto do teu sal

São lágrimas de Portugal!

Por te cruzarmos, quantas mães choraram,

Quantos filhos em vão rezaram!

Quantas noivas ficaram por casar

Para que fosses nosso, ó mar!

Valeu a pena? Tudo vale a pena

Se a alma não é pequena.

Quem quer passar além do Bojador

Tem que passar além da dor.

Deus ao mar o perigo e o abismo deu,

Mas nele é que espelhou o céu.

Fonte: PESSOA, F. Mensagem. In: Mensagem e outros poemas afins seguidos de Fernando Pessoa e idéia de Portugal. Mem

Martins: Europa-América [19-].

77 - (UEL PR)

Em relação aos mesmos versos da questão anterior, ocorrem, respectivamente, duas figuras de linguagem nomeadas:

"Ó mar salgado, quanto do teu sal / São lágrimas de Portugal".

a) Metáfora e onomatopéia.

b) Catacrese e ironia.

c) Anacoluto e antítese.

d) Sinédoque e aliteração.

e) Pleonasmo e metáfora.

TEXTO: 49 - Comum à questão: 78

O lado soft do metal

O canadense Sam Dunn estudava refugiados guatemaltecos, mas resolveu voltar seu foco para outra "tribo": fãs e músicos do heavy metal. Depois de cinco anos de filmagens, o antropólogo, fã do gênero, e o (co-diretor) Scot McFadyen lançaram o documentário "Metal: a Headbanger's Journey", exibido em algumas cidades do Canadá, EUA e Inglaterra e com DVD à venda na internet. Dunn acredita que alcançou seu objetivo principal: desmistificar a imagem dos "metaleiros" como violentos e ignorantes. A maior polêmica abordada no filme diz respeito aos incêndios em igrejas cristãs na Noruega, no começo dos anos 90, provocados por pessoas envolvidas com o black metal, como o músico Jorn Tunsberg. "O cristianismo norueguês é uma força limitadora para muitos jovens, e o metal fornece escape para eles se rebelarem. Os incêndios têm mais relação com esse ressentimento do que com a música em si", afirma.

Fonte: Adaptado da Revista Galileu. São Paulo, n.o 180, Editora Globo, jul. 2006, p.11.

78 - (UEL PR)

O estrangeirismo, no título do texto, é utilizado para captar o contraditório. É correto afirmar que, usando o estrangeirismo, o autor recorreu a um recurso denominado:

a) Eufemismo

b) Antítese.

c) Aliteração

d) Onomatopéia.

e) Hipérbole.

TEXTO: 50 - Comum à questão: 79

Cuitelinho

Cheguei na beira do porto
onde as ondas se espaia.
As garça dá meia volta,
senta na beira da praia.
E o cuitelinho não gosta
que o botão de rosa caia.

Ai quando eu vim de minha terra,
despedi da parentaia.
Eu entrei no Mato Grosso,
dei em terras paraguaia.
Lá tinha revolução,
enfrentei fortes bataia.

A tua saudade corta
como aço de navaia.
O coração fica aflito,
bate uma a outra faia.
E os óio se enche d'água
que até a vista se atrapaia.

Fonte: Tema folclórico. Adaptação Musical: Wagner Tiso e Milton Nascimento. Texto poético: Paulo Vanzolini e Antônio Xandó. In: NASCIMENTO, M. **Milton Nascimento ao Vivo**. São Paulo: Polygram, 1983.

79 - (UEL PR)

Em relação ao verso “A tua saudade corta como aço de navaia”, quais figuras de linguagem foram utilizadas pelo autor?

a) Silepse de pessoa e onomatopéia.

b) Metáfora e metonímia.

c) Aliteração e prosopopéia.

d) Prosopopéia e comparação.

e) Onomatopéia e catacrese.

TEXTO: 51 - Comum à questão: 80

“Se não comparecerdes...

Considerações sobre a relação entre o pronome “vós” e as diabruras do Estado brasileiro”

Roberto Pompeu de Toledo

Uma pessoa humilde, ora pleiteando sua aposentadoria junto ao INSS, em São Paulo, recebeu a seguinte "carta de exigências" da instituição. Os nomes, tanto da pessoa que pleiteia a aposentadoria quanto de [05]quem assina a carta, serão omitidos. O texto vai em sua conturbada e sofrida literalidade:

"Para dar andamento ao processo do Benefício em referência, solicito-vos comparecer, no endereço: Av. Santa Marina 1217, no horário de 07:00 às 15:00, para que as seguintes exigências sejam cumpridas:

- retirar a carteira profissional que se encontra em seu processo para que empregador atualiza as alterações de salarios em vista da ultima anotação foi 1990 e o salario de contribuição está divergente da ultima alteração

- recolher o 13 referente ao período de 1995 a 2004 que não foram recolhidos e 1 de férias conforme consta os meses a serem recolhidos na carteira profissional Comunico-vos que vosso pedido de Benefício será indeferido por desinteresse, se não comparecerdes dentro de 10 dias a contar desta data.

Deveis apresentar esta carta no ato do comparecimento".

Impressiona o ucasse desferido na penúltima linha contra o contribuinte: "...o Benefício será indeferido se não comparecerdes..." Mais impressionante ainda se torna quando se tem em conta que, antes de corridos os dez dias, o INSS entrou em greve, parou tudo e que se danem os solicitantes, os pleiteantes e os queixosos. Caso se queira mais uma dose de estupefação, acrescente-se que a carta foi emitida em maio, as exigências foram cumpridas, uma vez terminada a greve, e até agora nada. O benefício ainda não foi concedido. Mas releve-se. Não é esse o nosso ponto. Nem bem seriam as aflições infligidas à língua portuguesa, ao longo daquelas poucas linhas em que o idioma de Camões caminha aos trancos e barrancos, como um veículo desgovernado que despenca ladeira abaixo e bate um pára-lama aqui e outro ali, cai num buraco, sofre bruscos solavancos, corcoveia, raspa a porta no barranco, capota, desliza – para enfim se estatelar sem remédio contra um último e insuperável obstáculo.

É este último obstáculo que nos interessa: o pronome "vós". É verdade que a opção pelo vós, como tudo o mais, vai no vai-da-valsa, e sofre um retrocesso quando se fala em "seu processo", a alturas tantas, mas sem dúvida é a da preferência do autor da carta, tanto assim que se afirma, triunfal, nas duas últimas linhas. Que razão teria conduzido a tal preferência? Arrisquemos algumas hipóteses.

A primeira é a busca da elegância. O "vós" faz bonito em textos como o célebre soneto de Bilac: "Ora (direis) ouvir estrelas! Certo/ Perdeste o senso! E eu vos direi no entanto/ Que, para ouvi-las, muitas vezes desperto/ E abro as janelas, pálido de espanto". A segunda seria a intenção de mostrar-se educado, num comunicado que afinal representa a palavra do próprio Estado brasileiro. Seria aconselhável, dada essa alta responsabilidade, o recurso a um pronome que assinala respeito e deferência. Mas... será? Elegância? Educação? São hipóteses que de saída sabemos pouco críveis. Tampouco se pode acreditar que o redator tenha empregado o "vós" porque lhe sai natural. Para isso, precisaríamos supô-lo alguém que tem a segunda pessoa do plural como ferramenta tão banal que é com ela que se comunica com a mulher em casa, os colegas no trabalho, os vendedores na feira. Não, não é possível.

[70]Examinemos de novo o documento. Pensemos nele no contexto da relação do Estado com os cidadãos, no Brasil. Essa relação, segundo expôs recentemente a cientista política Lucia Hippolito, é de desconfiança. "Para a burocracia", escreveu ela, "o cidadão tem [75]sempre culpa, está sempre devendo, está sempre na obrigação de provar sua inocência com mais um documento, mais uma firma reconhecida, mais uma certidão autenticada em cartório." Uma suspeita começa a se firmar. A crase não foi feita para humilhar ninguém, [80]mas o "vós" foi. O desejo de acuar o cidadão, de encostar-lhe no peito a ponta da espada, de fazê-lo sentir-se pequeno, diante da majestade do Estado, foi esse, sim, só pode ter sido esse, o motivo pelo qual o redator da carta escolheu o "vós".

[85]O "vós", tal qual se apresenta no texto, ressoa amedrontador como um castigo. Humilhar? Não, ainda é pouco. A intenção é aterrorizar. Volte-se ao texto: "Se não comparecerdes..." Isso é muito mais assustador do que "se você não [90]comparecer", ou "se o senhor não comparecer". Soa como decreto vindo das alturas inatingíveis, dos príncipes incontrastáveis, do céu. Faz tremer como um trovão. E esse "vós" é tristemente significativo do Brasil. Simboliza o massacre cotidiano a que o Estado submete os cidadãos, os mais humildes [95]em primeiro lugar. Entra governo e sai governo, entra década e sai década, essa é uma situação que permanece, inelutável como fenômeno da natureza. O presidente, os ministros, as CPIs, estes estão sempre [99]preocupados com outras coisas. Cá em baixo, a relação entre o Estado e o cidadão comum sempre foi, e continua sendo, feita de pequenas atrocidades.

Extraído da Revista Veja. Edição de 2 de novembro de 2005.

80 - (UFAC)

No trecho: “O idioma de Camões (...) como um veículo desgovernado que despenca ladeira abaixo e bate um pára-lama aqui e outro ali...” (linhas 36 a 39), a figura de linguagem utilizada pelo autor é a:

a) metáfora

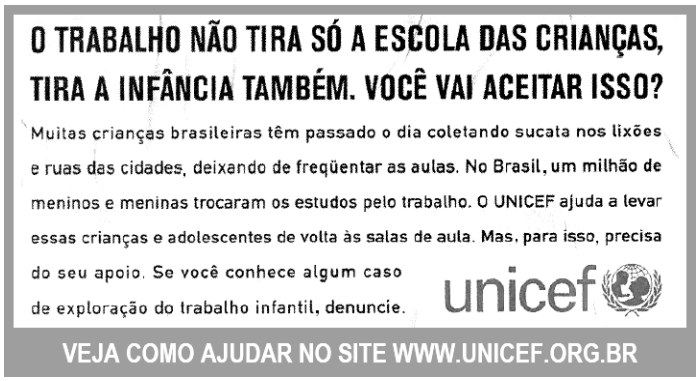
b) comparação

c) catacrese

d) elipse

e) eufemismo

TEXTO: 52 - Comum à questão: 81


O TRABALHO NÃO TIRA SÓ A ESCOLA DAS CRIANÇAS, TIRA A INFÂNCIA TAMBÉM. VOCÊ VAI ACEITAR ISSO?
Muitas crianças brasileiras têm passado o dia coletando sucata nos lixões e ruas das cidades, deixando de freqüentar as aulas. No Brasil, um milhão de meninos e meninas trocaram os estudos pelo trabalho. O UNICEF ajuda a levar essas crianças e adolescentes de volta às salas de aula. Mas, para isso, precisa do seu apoio. Se você conhece algum caso de exploração do trabalho infantil, denuncie.
unicef
VEJA COMO AJUDAR NO SITE WWW.UNICEF.ORG.BR

(Revista ÉPOCA, 02/01/2006.)

81 - (UFMT)

Em relação aos recursos lingüísticos utilizados no texto, assinale a afirmativa correta.

a) A palavra muitas, na expressão Muitas crianças brasileiras, por acompanhar o substantivo crianças em gênero e número, exerce a função sintática de adjunto adverbial de intensidade.

b) Os verbos – coletar e deixar – empregados no gerúndio, expressam ação concluída, não mais realizada no presente.

c) A vírgula, no trecho Se você conhece algum caso de exploração do trabalho infantil, denuncie., justifica-se por separar oração subordinada adverbial reduzida de infinitivo da principal.

d) No último período do texto, passando o verbo conhecer para o pretérito imperfeito do subjuntivo, o verbo denunciar permanece no imperativo.

e) Em Mas, para isso, precisa do seu apoio., há elipse do sujeito que, por ser o mesmo do período anterior, é retomado sem necessidade de repetição.

TEXTO: 53 - Comum à questão: 82

Leia o texto do poeta contemporâneo Wlademir Dias Pino e responda.

I

A MÁQUINA QUE RI

II

Cresces em diração de tua morte

essa que flecha o instante que vives

como o sexo dilata os poros

ou como as bolhas de ar

distanciando–se

dos peixes agudos

As coisas te possuem nos laços

das rugas e nem percebes

que estás suspenso

Nem que respiras

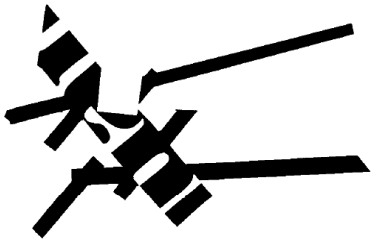
na ponta

da língua

como um enforcado

TEUS OLHOS TÊM O BRILHO DE FLECHA

– UM ECO POLIDO DE ROLAR



NOSSA ÂNSIA NOS UNE COMO SOMBRAS

(LETRAS/UFMT (compilação). Wlademir Dias-Pino – A separação entre inscrever e escrever. Cuiabá: Edições do Meio, 1982.)

82 - (UFMT)

Assinale a alternativa que apresenta a correta correspondência entre trecho do poema e figura de linguagem.

a) Cresces em direção de tua morte → eufemismo, indicando afastamento do fim.

b) As coisas te possuem nos laços → hipérbole, sugerindo o endeusamento do homem.

c) TEUS OLHOS TÊM O BRILHO DE FLECHA → metáfora, indicando o rumo do olhar para algo.

d) NOSSA ÂNSIA NOS UNE COMO SOMBRAS → ironia, mostrando a impassibilidade humana.

e) A MÁQUINA QUE RI → zoomorfização, relacionando o físico ao espiritual.

TEXTO: 54 - Comum à questão: 83

Entrou pelo cano

[1]Quando a gente pensa que não tem mais nada para se inventar, você liga [2]a TV no meio da madrugada insone e “pow” – surge ela: a fantástica máquina de [3]cozinhar macarrão que não vai no fogo e nem usa energia elétrica. Como assim?

[4]A propaganda é hilária: você vai colocar a massa na panela comum e cai 5tudo fora. Na hora de escorrer, o espaguete cai na pia, você se queima: um “fuá” [6]na sua triste cozinha da idade da pedra. “Mas não se desespere: seus problemas [7]acabaram!” Com esse novo “utensílio” você despeja água quente sobre o [8]macarrão e assiste o seu cozimento pelo tubo transparente. Vira o tubo na pia e a [9]água sai pelos furinhos, como um saleiro gigante: é a salvação da dona de casa [10]moderna!

[11]A cozinheira, atrevida, ainda joga um pedaço de manteiga dentro do tubo [12]quente, algumas ervas e sacode feliz da vida antes de virar o tubo na travessa e [13]servir os nhoques fumegantes. Além de servir pra cozinhar e agregar o molho à [14]massa, o “tubo” ainda pode ser usado para guardar o macarrão no armário. [15]Demais? Mas se era tão simples assim, como ninguém pensou nisso antes?

[16]Fiquei curioso, não consigo imaginar a massa cozinhando sem as ondas de [17]água fervente girando na panela. Será que funciona mesmo? Será que não gruda [18]tudo ou fica empapado? Pensei até em simular utilizando uma garrafa térmica, [19]mas achei meio insano. Se alguém já testou ou comeu macarrão feito no “tubo”, [20]que atire a primeira pedra!

Marcelo Katsuki

http://marcelokatsuki.folha.blog.uol.com.br

(Texto adaptado)

83 - (UFPA)

No segundo parágrafo, a metáfora “cozinha da idade da pedra” (linha 6) expressa

a) descuido na conservação de utensílios de uma cozinha.

b) mau gosto na organização de uma determinada cozinha.

c) deterioração de determinada cozinha.

d) característica de uma cozinha que não se modernizou.

e) estilo medieval de uma determinada cozinha.

TEXTO: 55 - Comum à questão: 84

Impasses na lógica global?

Uma das certezas que movem a lógica global é a de que a China e a Índia manterão as trajetórias atuais de estabilidade política e altas taxas de crescimento econômico.

As projeções de longo prazo supõem uma contínua melhora de renda dos 2,4 bilhões de chineses e indianos – que constituem 25% da população mundial –, mantendo o vigor do capitalismo globalizado.

É curioso como não aprendemos com a história e com nossos inúmeros erros de previsão; a arrogância não nos deixa perceber que é preciso suportar um futuro freqüentemente além da nossa percepção, tantas são as variáveis que nele influem. Lidamos com o tempo que virá de forma pouco responsável.

Na verdade, não agüentamos não saber. E, por isso, transformamos meras hipóteses em certezas, deixando na beira da estrada justamente as dúvidas que nos poderiam salvar. Basta verificar que boa parte das projeções de mais de 10 anos, feitas durante o século 20, foi equivocada. Crises imprevistas são inerentes ao capitalismo, que delas se nutre, renovando-se em meio a cinzas e sucatas.

Se analisarmos o complexo quadro atual, não é difícil enxergar graves impasses estruturais que o mundo pode ter de enfrentar ainda na próxima década.

Alguns são decorrentes justamente do padrão de inserção da China e da Índia numa lógica global que se aproveita deles para um casamento de interesses, à primeira vista, virtuoso.

Suponhamos, em primeiro lugar, que essas duas nações apenas pretendam atingir, em 10 anos, um padrão de vida equivalente à média atual do Brasil e do México, que ainda são pobres. Na verdade, a maioria dos analistas internacionais espera muito mais que isso.

Vamos tentar indicar – de maneira simplificada – que impactos isso poderia causar. A renda anual média de cada brasileiro, medida pelo Banco Mundial (2005), é de US$ 8.195 e a do mexicano, de US$ 9.803. Ou seja, a média dos dois é de US$ 8.999. A China tem, hoje, US$ 5.896 por habitante/ano e a Índia, US$ 3.139, o que dá uma média de US$ 4.518.

Para que esse valor atinja a média de Brasil e México em 10 anos, será necessário adicionar US$ 4.518 a cada cidadão chinês e indiano; se multiplicarmos esse valor pelos seus 2.375 milhões de habitantes, teremos um total de US$ 10.647 bilhões.

Ora, esse imenso valor, a ser criado em apenas uma década, seria próximo do PIB norte-americano (US$ 11.641 bilhões), que responde, hoje, por 28% do total mundial.

Imagine-se o impacto brutal que isso significaria em recursos naturais, matérias-primas, poluição ambiental e efeito estufa em nível planetário.

Alguns cenários, bem mais pessimistas, se delineiam. Um deles poderá eclodir por meio de tensões sociais e políticas na China, que conduzam a distúrbios e rupturas; cenário, aliás, muito possível para um país gigantesco em tamanho e desafios.

Outro eventual impasse estrutural é a tendência declinante de salários mundiais a partir da pressão por competitividade global.

O custo médio salarial de uma faixa-padrão de trabalhador qualificado, na União Européia, é de US$ 25 por hora; nos EUA, é de US$ 20; no Leste da Europa e no Brasil, é de US$ 4; mas, na China, é de US$ 0,7.

Diante dessa assimetria brutal, o México já perdeu para os chineses quase metade dos empregos de suas maquiadoras; a Europa tem dificuldades em utilizar os “baixos” salários dos países do Leste; e a América Latina fica fora das oportunidades que a fragmentação da produção global gera, porque não consegue competir com os salários de fome da Ásia.

Pelo visto, parece que uma diminuição do nível de emprego no mundo não-asiático e uma convergência geral dos salários globais em direção a um nível inferior, puxada pela Ásia, é uma das alternativas concretas de médio prazo.

Isso significaria redução geral de renda, pressão contínua para rebaixamento de proteção social e mais uma forte diluição das classes médias tradicionais.

Para além da euforia com o crescimento do mundo puxado pela China e pela Índia, nuvens carregadas também tingem o céu do futuro. O pretensioso mundo global quer viver de certezas; no entanto é bom estarmos preparados para surpresas.

DUPAS, Gilberto. “Impasses na lógica global?”. Disponível em www.jornaldaciencia.org.br, de 18 dez. 2006. Acesso: 26 dez. 2006. (Texto adaptado)

84 - (UFT TO)

"Para além da euforia com o crescimento do mundo puxado pela China e pela Índia, **nuvens carregadas** também **tingem o céu do futuro**." (linhas 69-71)

É CORRETO afirmar que a oração destacada nessa passagem foi utilizada em sentido

a) metafórico.

b) metonímico.

c) pleonástico.

d) sinestésico.

TEXTO: 56 - Comum à questão: 85

Texto 1

Mulheres no cárcere e a terapia do aplauso

(por Bárbara Santos)

§1 Elas estão no cárcere. O cárcere não está preparado para elas. Idealizado para o macho, o cárcere não leva em consideração as especificidades da fêmea. Faltam absorventes. Não existem creches. Excluem-se afetividades. Celas apertadas para mulheres que convivem com a superposição de TPMs, ansiedades, alegrias e depressões.

§2 A distância da família e a falta de recursos fazem com que mulheres fiquem sem ver suas crianças. Crianças privadas do direito fundamental de estar com suas mães. Crianças que perdem o contato com as mães para não crescerem no cárcere.

§3 Uma presa, em Garanhuns, Pernambuco, luta para recuperar a guarda de sua criança, que foi encaminhada para adoção por ela não ter familiares próximos. Uma criança com cerca de 2 anos de idade, em Teresina, Piauí, nasceu e vive no cárcere, não fala e pouco sorri, a mãe tem pavor de perdê-la para a adoção, sua família é de Minas Gerais.

§4 Essas mulheres são vítimas do machismo, da necessidade econômica e do desejo de consumir. São flagradas nas portas dos presídios com drogas para os companheiros; são seduzidas por traficantes que se especializaram em abordar mulheres chefes de família com dificuldades

econômicas; também são vaidosas e, apesar de pobres, querem consumir o que a televisão ordena que é bom.

§5 Um tratamento ofensivo as afeta emocionalmente. A tristeza facilmente se transforma em fúria. Muitas escondem de suas crianças que estão presas. Sentem vergonha da condição de presas. Na maioria dos casos, estão convencidas de que são culpadas e que merecem o castigo recebido. Choram, gritam e se comovem. O cárcere é despreparado e pequeno demais para comportar a complexidade das mulheres.

§6 Apesar do aumento do número de mulheres presas no Brasil, especialmente nas rotas do tráfico, o sistema penitenciário não se prepara nem para as receber, nem para as ressocializar. Faltam presídios femininos, assim como capacitação específica para servidores penitenciários que trabalham com mulheres no cárcere.

§7 Falta estrutura que considere a maternidade e que garanta os direitos fundamentais das crianças.

§8 Assim como na sociedade, no cárcere o espaço da mulher ainda é precário. O sistema é masculino na sua concepção e essência. Em cidades como Caicó, Rio Grande do Norte, não existe penitenciária feminina. As mulheres presas são alojadas numa área improvisada dentro da unidade masculina. Em Mossoró, no mesmo Estado, mulheres presas, ainda sem sentença, aguardam julgamento numa área minúscula dentro da cadeia pública masculina. A presença improvisada das mulheres cria problemas legais e acarreta insegurança para servidores penitenciários quanto à garantia da segurança geral e da integridade física das mulheres.

(Bárbara Santos é coordenadora nacional do projeto Teatro do Oprimido nas Prisões, desenvolvido pelo Centro de Teatro do Oprimido, em parceria com o Departamento Penitenciário Nacional, do Ministério da Justiça. www.ctorio.org.br)

(Disponível em: http:// www.carosamigos.terra.com.br. Acesso em: 07 ago. 2006.)

85 - (UFV MG)

Entre todas as sentenças abaixo, retiradas do texto lido, NÃO ocorre personificação em:

a) “[...] querem consumir o que a televisão ordena que é bom.” (§ 4)

b) “Falta estrutura que considere a maternidade [...].” (§ 7)

c) “[...] o sistema penitenciário não se prepara nem para as receber [...].” (§ 6)

d) “[...] o cárcere não leva em consideração as especificidades da fêmea.” (§ 1)

e) “Elas estão no cárcere.” (§ 1)

TEXTO: 57 - Comum à questão: 86

Michael C. Corballis, professor de psicologia e ciências cognitivas da Universidade de Auckland, na Nova Zelândia, afirma que o ser humano começou a falar com as mãos. Se sua hipótese estiver correta, nossos antepassados se faziam entender por meio de um misto de gestos e grunhidos e só muito gradualmente desenvolveram uma fala articulada.

"Evidências que apontam para a idéia de que a linguagem se originou nos gestos estão se acumulando recentemente", afirma ele. Tais evidências vêm das mais diversas áreas, como a lingüística, a biologia molecular, a primatologia e a neurociência. Em cada um desses campos de estudo há um vespeiro teórico armado para o pesquisador cutucar. A polêmica começa pela própria natureza da linguagem. Para muitos lingüistas, como Chomsky, a linguagem é uma propriedade exclusiva e inata do ser humano, e será inútil tentar qualquer analogia com as formas de comunicação de outras espécies animais.

Acredita-se que a grande expansão do gênero humano da África para o resto do mundo começou há 50 mil anos. Há evidências fósseis de migrações anteriores, porém esses primeiros aventureiros parecem ter sumido sem deixar descendentes. Há 40 mil anos teria acontecido uma espécie de explosão evolutiva. O homem teria começado a fabricar utensílios sofisticados. Surgem também mostras de pensamento simbólico – pinturas nas cavernas, por exemplo. Corballis crê que esse progresso foi propiciado pela fala. Uma vez que estavam livres das funções de comunicação, as mãos puderam caprichar na manufatura de objetos. A fala permitiu, ainda, que os conhecimentos acumulados fossem transmitidos a seus descendentes, oferecendo ao homo sapiens vantagens tecnológicas sobre outros hominídeos. A linguagem não seria o passo final de uma tendência evolutiva, mas sim uma invenção que o homem foi aprimorando ao longo de sucessivas gerações, tal como ocorreria mais tarde com a escrita.

Segundo ele, a linguagem em si é muito complexa para ter emergido somente nos últimos cem mil anos. Portanto, devem ter existido formas de linguagem que não dependiam puramente da vocalização, e é difícil pensar em outras modalidades, além dos gestos manuais e faciais. Não seria exato dizer que a linguagem falada substituiu a gestual; ela apenas se tornou predominante. Além disso, os gestos não desapareceram por completo. Continuamos a gesticular enquanto falamos – e o engraçado é que o fazemos até ao telefone, apesar de nosso interlocutor não nos enxergar.

(Adaptado de Jerônimo Teixeira e Rodrigo Maroja. Superinteressante, novembro 2002, p. 75-77)

86 - (UNIFOR CE)

Identifica-se uma metáfora na frase:

a) ... e só muito gradualmente desenvolveram uma fala articulada.

b) ... há um vespeiro teórico armado para o pesquisador cutucar.

c) O homem teria começado a fabricar utensílios sofisticados.

d) Surgem também mostras de pensamento simbólico ...

e) ... que o homem foi aprimorando ao longo de sucessivas gerações ...

TEXTO: 58 - Comum à questão: 87

A BELEZA NÃO É UM ATRIBUTO FUNDAMENTAL

[1]Entre os mitos do amor – não provados, porém muito acreditados – encontra-se o da beleza.

Diz-se que a paixão pede a beleza para crescer, e nosso querido poeta Vinícius de Moraes chegou ao extremo de afirmar: *"As feias que me perdoem, mas beleza é fundamental"*. Já na descrição homérica da guerra de Tróia, atribuía-se o conflito à beleza de Helena, reforçando a crença no poder da [5]estética e em sua importância para o florescimento do amor.

No entanto, as coisas não se passam bem assim na realidade. Se a beleza fosse imprescindível para o amor, onde ficariam todos os feios e as feias que conhecemos, provavelmente a maior parte da população? Eles precisariam perguntar ao poeta para que seria a beleza fundamental. Como a beleza é menos freqüente do que a feiúra, podemos presumir que a maioria formada pelos feios dê valor à [10]qualidade que lhes é ausente, e, por essa razão, haveria uma ponderável parcela de pessoas valorizando, até excessivamente, a beleza como qualidade importante na busca de um(a) parceiro(a). Para confirmar essa hipótese, podemos tomar o exemplo do próprio Vinícius de Moraes, que certamente já não primava pela beleza na época em que criou a famosa frase.

Freqüentemente, vemos casais que nos chamam a atenção exatamente por serem singularmente [15]díspares, pois, enquanto um é muito bonito, o outro é bem o contrário. É provável que isso se deva a um fenômeno bastante comum – a atração dos opostos. Tanto quanto uma pessoa feia pode valorizar a beleza como qualidade que busca em seu parceiro, a pessoa bonita

pode se desinteressar por uma qualidade que, para ela, não passa de um dom natural, em geral escassamente apreciado por não ser fruto de um especial esforço, por não ser uma conquista, mas algo recebido, por assim dizer, de mão beijada.

Na verdade, se pensarmos friamente, a beleza – como característica desejada no parceiro que buscamos – deve vir numa posição não muito destacada, visto que existem muitas outras qualidades que são de fato mais fundamentais quando procuramos nosso companheiro de viagem pela vida. Honestidade, inteligência, capacidade de amar, diligência, generosidade, bondade, disciplina pessoal e saúde são algumas das qualidades que valorizam uma pessoa mais que simplesmente sua formosura. Daí a sabedoria popular afirmar que "beleza não põe mesa".

Não resta a menor dúvida de que a beleza abre portas, facilita um primeiro contato, cria uma impressão favorável e uma predisposição positiva nas pessoas. Até porque ela tende a ser vista como a expressão externa de algo interno, ou seja, mostra-se como uma prévia de qualidades a serem percebidas posteriormente. Tendemos a acreditar que uma pessoa é boa e inteligente simplesmente porque é bela. Isso, porém, pode se tornar uma faca de dois gumes na medida em que se passa a esperar um melhor desempenho e um maior leque de qualidades em uma pessoa, apenas pelo fato de ela ser bonita.

É muito comum encontrarmos entre as mulheres – como corolário do mito da beleza fundamental – um outro mito: o da capa de revista. Muitas mulheres tendem a ficar inseguras quando disputam um namorado com outra que consideram mais bonita ou quando percebem seu homem manifestar interesse por uma mulher do tipo "capa de revista". Na imaginação, acolhem a idéia de que os homens tenderiam a procurar mulheres especialmente bonitas para serem suas parceiras, o que viria a se encaixar com a idéia de que a beleza seria mesmo a qualidade mais valorizada por eles. Podem até existir aqueles que colocam a beleza em primeiro lugar, mas é muito provável que sejam minoria. A maior parte dos homens está em busca de mulheres com outras qualidades consideradas mais fundamentais.

A qualidade de fato mais importante está na capacidade de cada indivíduo tirar partido dos aspectos positivos de sua aparência. Com isso, cada um de nós mostra que, mais fundamental do que ser bonito, é revelar uma atitude de amor, carinho e cuidado consigo mesmo. Isso pode ser percebido por sinais exteriores que, por serem realmente mais valiosos do que a beleza natural, acabam se confundindo com ela. O que acontece, muitas vezes, é que uma pessoa se torna atraente e nos parece bonita devido somente às suas outras qualidades.

Luiz Alberto Py

87 - (UNIMONTES MG)

Foram utilizadas em sentido figurado todas as expressões abaixo, EXCETO

a) “a beleza abre portas” (linha 27).

b) “faca de dois gumes” (linha 31).

c) “de mão beijada” (linhas 19-20).

d) “a atração dos opostos” (linha 16).

TEXTO: 59 - Comum à questão: 88

TEXTO III

Fora de si

(Arnaldo Antunes)

Eu fico louco

Eu fico fora de si

Eu fica assim

Eu fica fora de mim

Eu fico um pouco

Depois eu saio daqui

Eu vai embora

Eu fico fora de si

Eu fico oco

Eu fica bem assim

Eu fico sem ninguém em mim

88 - (ESCS DF)

Quanto aos procedimentos estilísticos empregados por Arnaldo Antunes em seu poema, pode-se destacar:

a) repetição de palavras (anáfora), metáforas e personificação;

b) rimas, exploração expressiva do desvio sintático e redondilhas;

c) exploração rítmica e redondilhas;

d) repetição de palavras (anáfora) e rimas;

e) exploração de imagens em uma estrutura mínima e ausência de ritmo.

TEXTO: 60 - Comum à questão: 89

Estamos crescendo demais?

O nosso “complexo de vira-lata” tem múltiplas facetas. Uma delas é o medo de crescer. Sempre que a economia brasileira mostra um pouco mais de vigor, ergue-se, sinistro, um coro de vozes falando em “excesso de demanda” “retorno da inflação” e pedindo medidas de contenção.

O IBGE divulgou as Contas Nacionais do segundo trimestre de 2007. Não há dúvidas de que a economia está pegando ritmo. O crescimento foi significativo, embora tenha ficado um pouco abaixo do esperado. O PIB cresceu 5,4% em relação ao segundo trimestre do ano passado. A expansão do primeiro semestre foi de 4,9% em comparação com igual período de 2006.(...)

A turma da bufunfa não pode se queixar. Entre os subsetores do setor serviços, o segmento que está “bombando” é o de intermediação financeira e seguros – crescimento de 9,6%. O Brasil continua sendo o paraíso dos bancos e das instituições financeiras.

Não obstante, os porta-vozes da bufunfa financeira, pelo menos alguns deles, parecem razoavelmente inquietos. Há razões para esse medo? É muito duvidoso. Ressalva trivial: é claro que o governo e o Banco Central nunca podem descuidar da inflação. Se eu fosse cunhar uma frase digna de um porta-voz da bufunfa, eu diria (parafraseando uma outra máxima trivializada pela repetição): “O preço da estabilidade é a eterna vigilância”.

Entretanto, a estabilidade não deve se converter em estagnação. Ou seja, o que queremos é a estabilidade da moeda nacional, mas não a estabilidade dos níveis de produção e de emprego.

A aceleração do crescimento não parece trazer grande risco para o controle da inflação. Ela não tem nada de excepcional. O Brasil está se recuperando de um longo período de crescimento econômico quase sempre medíocre, inferior à média mundial e bastante inferior ao de quase todos os principais emergentes.

O Brasil apenas começou a tomar um certo impulso. Não vamos abortá-lo por medo da inflação.

(Folha de S.Paulo, 13.09.2007. Adaptado)

89 - (FGV)

Assinale a alternativa em que as frases repetem, respectivamente, as figuras de linguagem das frases – Entre os subsetores do setor serviços, o segmento que está "bombando" é o de intermediação financeira e seguros..../ A turma da bufunfa não pode se queixar; estão comemorando.

a) Com a alta dos preços do leite, produtores paulistas retomam investimentos para ampliar a produtividade do rebanho./ As taxas de juros estão de arrasar.

b) A alta no preço do leite motivou outros produtores, e quem não desistiu da atividade está comemorando./ O pessoal de finanças está morrendo de felicidade com a economia.

c) Durante a crise, São Paulo deixou de ser o segundo produtor do país, passando para o quinto lugar./ As expectativas de inflação continuam bem comportadas.

d) O produtor diz: Enterrei muito dinheiro nessa fazenda e agora não vou desistir da atividade leiteira./ A gente brasileira tem "complexo de vira-lata", mas deveriam ter mais segurança em relação ao país.

e) A saída é melhorar a produção de leite por vaca, reduzir o tempo entre gestações e o custo./ Os donos do dinheiro temem que a inflação acelere.

TEXTO: 61 - Comum à questão: 90

Texto 2

Pela Internet

Gilberto Gil

Criar meu web site

Fazer minha home-page

Com quantos gigabytes

Se faz uma jangada

Um barco que veleje

Que veleje nesse informar

Que aproveite a vazante da infomaré

Que leve um oriki do meu velho orixá

Ao porto de um disquete de um micro em Taipé

Um barco que veleje nesse informar

Que aproveite a vazante da infomaré

Que leve meu e-mail até Calcutá

Depois de um hot-link

Num site de Helsinque

Para abastecer

Eu quero entrar na rede

Promover um debate

Juntar via Internet

Um grupo de tietes de Connecticut

De Connecticut acessar

O chefe da Macmilícia de Milão

Um hacker mafioso acaba de soltar

Um vírus pra atacar programas no Japão

Eu quero entrar na rede pra contactar

Os lares do Nepal, os bares do Gabão

Que o chefe da polícia carioca avisa pelo celular

Que lá na praça Onze tem um vídeopôquer para se jogar

90 - (IBMEC SP)

Nos versos “Juntar via Internet Um grupo de tietes de Connecticut”, a figura de linguagem presente é:

a) Antítese

b) Pleonasmo

c) Aliteração

d) Personificação

e) Eufemismo

TEXTO: 62 - Comum à questão: 91

TEXTO I

RACISMO DISTRAÍDO

Luis Fernando Veríssimo

(fragmento)

Nosso racismo tem a desculpa de ser distraído. O que nos absolve é que não nos damos conta. O Grafite não considera o seu apelido racista. Como é negro e comprido, deve achar o apelido bem bolado. Implícita neste racismo que não se reconhece está a idéia de que caricaturar carinhosamente ou infantilizar o negro é uma maneira de consolá-lo pela sua condição de diferente. Entre o negrão e o negrinho está a nossa incapacidade de dar nome certo ao preconceito.

E não é só com negros. Há anos que o humor brasileiro recorre a estereótipos raciais sem medir o insulto: o judeu sempre retratado como o avarento de sotaque carregado, o japonês invariavelmente bobo, etc., além do negro em suas várias versões de primitivo divertido.

91 - (IBMEC SP)

Qual das opções contém a figura de linguagem utilizada pelo autor na frase

“Nosso racismo tem a desculpa de ser distraído.”?

a) pleonasmo

b) paradoxo

c) metáfora

d) metonímia

e) personificação

TEXTO: 63 - Comum à questão: 92

Texto 2

Geração fashion

Paul Vallely, do "The Independent"

Hoje, combater a indústria de peles não quer dizer lutar contra a velha guarda de ricos, conservadores, enrugados e ignorantes usuários de casacos longos de vison. Significa combater uma geração jovem que é fashion, colorida e bem informada. Uma criadora de modas como Katie Grand, editora da revista de moda "Pop", usa seu novo casaco de vison para ir ao trabalho sem sentir vergonha. Grand, cujo pai é cientista, explica: "Desde criança acostumei-me à idéia de que ele [o pai] faz experiências com animais. Isso nunca me incomodou".

A compradora típica de uma roupa de pele é uma mulher de 30 e poucos anos, de renda média, que compra protetores de ouvido de pele de coelho da Chanel ou um casaco da Zara com gola de pele de coiote por menos de US$150. E, em lugar de estar desafiando o velho establishment, ela demonstra que não dá a mínima para o novo establishment marcado pela correção política liberal, verde e de esquerda. Peso na consciência por estar usando pele é algo tão fora de moda quanto xales de pashmina (pêlos de cabras do Tibete). O único consolo que resta ao lobby dos "antipeles" é a esperança de que, já que a moda é por definição volátil e mutante, não demore muito para as roupas de pele serem mais uma vez vistas como inaceitáveis.

Texto adaptado de

<http://www.herbario.com.br/atual04/2411guerrapelles.htm>.

Acesso em 11/09/2007.

establishment: ordem ideológica, econômica, política e legal que constitui uma sociedade ou um Estado.

92 - (UEM PR)

Nas orações a seguir, ocorre processo de metonímia, **exceto** em

a) "...jipões 4x4 movidos a (muito) **diesel**..." (texto 1, linhas 60-61)

b) "...protetores de ouvido de pele de **coelho da Chanel**..." (texto 2, linhas 15-16)

c) "...ou um **casaco da Zara**..." (texto 2, linha 16)

d) "...fora de moda quanto **xales de pashmina**..." (texto 2, linhas 22-23)

e) "...d**a nova coleção de roupas Diesel**." (texto 1, linhas 7-8)

TEXTO: 64 - Comum à questão: 93

O segundo verso da canção

Passar cinqüenta anos sem poder falar sua língua com alguém é um exílio agudo dentro do silêncio.

Pois há cinqüenta anos, Jensen, um dinamarquês, vivia ali nos pampas argentinos. Ali chegara bem jovem, e desde [5]então nunca mais teve com quem falar dinamarquês.

Claro que, no princípio, lhe mandavam revistas e jornais. Mas ninguém manda com assiduidade revistas e jornais para alguém durante cinqüenta anos. Por causa disto, ali estava Jensen há inúmeros [10]anos lendo e relendo o som silencioso e antigo de sua pátria. E como as folhas não falavam, punha-se a ler em voz alta, fingindo ouvir na própria voz a voz do outro, como se um bebê pudesse em solidão cantar para inventar a voz materna.

[15]Cinqüenta anos olhando as planuras dos pampas, acostumado já às carnes generosas dos churrascos conversados em espanhol (...).

Um dia, um viajante de carro parou naquele lugarejo. Seu carro precisava de outros reparos além da [20]gasolina. Conversa-vai-conversa-vem, no posto ficam sabendo que seu nome também era Jensen. Não só Jensen, mas um dinamarquês. E alguém lhe diz: aqui também temos um dinamarquês que se chama Jensen e aquele é o seu filho. O filho se aproxima e logo [25]se interessa para levar o novo Jensen dinamarquês ao velho Jensen dinamarquês – pois não é todos os dias que dois dinamarqueses chamados Jensen se encontram nos pampas argentinos.

(...) Quando Jensen entrou na casa de Jensen e [30]disse "bom dia" em dinamarquês, o rosto do outro Jensen saiu da neblina e ondulou alegrias. "É um compatriota!" E a uma palavra seguiram outras, todas em dinamarquês, e as frases corriam em dinamarquês, e o riso dinamarquês e a camaradagem dinamarquesa, [35]tudo era um ritual desenterrando ao som da língua a sonoridade mítica da alma *viking*.

(...) Em poucas horas, povoou sua mente de nomes de artistas, rostos de vizinhos, parques e canções. Tudo ia se descongelando no tempo ao som daquela [40]língua familiar.

Mas havia um problema exatamente neste tópico das canções. Por isto, terminada a festa, depois dos vinhos e piadas, quando vem à alma a exilada vontade de cantar, Jensen chama Jensen num canto, como se fosse revelar algo grave e inadiável:

– Há cerca de cinqüenta anos que estou tentando cantar uma canção e não consigo. Falta-me o segundo verso. Por favor (disse como se pedisse seu mais agudo socorro, como se implorasse: retira-me da borda do abismo), por favor, como era mesmo o segundo verso desta canção?

Sem o segundo verso nenhuma canção ou vida se completa. Sem o segundo verso a vida de um homem, dentro e fora dos pampas, é como uma escada onde falta um degrau, e o homem pára. É um piano onde falta uma tecla. É uma boca de incompleta dentição.

Se falta o segundo verso, é como se na linha de montagem faltasse uma peça e não houvesse produção. De repente, é como se faltasse ao engenheiro a pedra fundamental e se inviabilizasse toda a construção. Isto sabe muito bem quem andou cinqüenta anos na ausência desse verso para cantar a canção.

Jensen olhou Jensen e disse pausadamente o segundo verso faltante. E ao ouvi-lo, Jensen – o exilado – cantou de volta o poema inteiro preenchendo sonoramente cinqüenta anos de solidão. Ao terminar, assentou-se num canto e batia os punhos sobre o joelho dizendo:

"Que alegria! Que alegria!"

Era agora um homem inteiro. Tinha, enfim, nos lábios toda a canção.

Affonso Romano de SANT'ANNA

www.educacaopublica.rj.gov.br

93 - (UERJ)

O processo de personificação é um recurso utilizado no texto para humanizar a narrativa e cativar o leitor.

Um exemplo de personificação aparece no seguinte fragmento:

a) "Passar cinqüenta anos sem poder falar sua língua com alguém é um exílio agudo dentro do silêncio." (l. 1-2)

b) "E como as folhas não falavam, punha-se a ler em voz alta, fingindo ouvir na própria voz a voz do outro," (l. 11-13)

c) "Cinqüenta anos olhando as planuras dos pampas, acostumado já às carnes generosas dos churrascos conversados em espanhol" (l. 15-17)

d) “Era agora um homem inteiro. Tinha, enfim, nos lábios toda a canção.”(l. 69-70)

TEXTO: 65 - Comum à questão: 94

O adeus

No oitavo dia sentimos que tudo conspirava contra nós. Que importa a uma grande cidade que haja um apartamento fechado em alguns de seus milhares de edifícios; que importa que lá dentro não haja [5]ninguém, ou que um homem e uma mulher ali estejam, pálidos, se movendo na penumbra como dentro de um sonho?

Entretanto a cidade, que durante uns dois ou três dias parecia nos haver esquecido, voltava subitamente a [10]atacar. O telefone tocava, batia dez, quinze vezes, calava-se alguns minutos, voltava a chamar; e assim três, quatro vezes sucessivas.

Alguém vinha e apertava a campainha; esperava; apertava outra vez; experimentava a maçaneta da [15]porta; batia com os nós dos dedos, cada vez mais forte, como se tivesse certeza de que havia alguém lá dentro. Ficávamos quietos, abraçados, até que o desconhecido se afastasse, voltasse para a rua, para a sua vida, nos deixasse em nossa felicidade que fluía [20]num encantamento constante.

Eu sentia dentro de mim, doce, essa espécie de saturação boa, como um veneno que tonteia, como se meus cabelos já tivessem o cheiro de seus cabelos, se o cheiro de sua pele tivesse entrado na minha. Nossos [25]corpos tinham chegado a um entendimento que era além do amor, eles tendiam a se parecer no mesmo repetido jogo lânguido, e uma vez que, sentado, de frente para a janela por onde se filtrava um eco pálido de luz, eu a contemplava tão pura e nua, ela [30]disse: “Meu Deus, seus olhos estão esverdeando”.

Nossas palavras baixas eram murmuradas pela mesma voz, nossos gestos eram parecidos e integrados, como se o amor fosse um longo ensaio para que um movimento chamasse outro: inconscientemente [35]compúnhamos esse jogo de um ritmo imperceptível, como um lento bailado.

Mas naquela manhã ela se sentiu tonta, e senti também minha fraqueza; resolvi sair, era preciso dar uma escapada para obter víveres; vesti-me [40]lentamente, calcei os sapatos como quem faz algo de estranho; que horas seriam?

Quando cheguei à rua e olhei, com um vago temor, um sol extraordinariamente claro me bateu nos olhos, na cara, desceu pela minha roupa, senti [45]vagamente que aquecia meus sapatos. Fiquei um

instante parado, encostado à parede, olhando aquele movimento sem sentido, aquelas pessoas e veículos irreais que se cruzavam; tive uma tonteira, e uma sensação dolorosa no estômago.

Havia um grande caminhão vendendo uvas, pequenas uvas escuras; comprei cinco quilos. O homem fez um grande embrulho de jornal; voltei, carregando aquele embrulho de encontro ao peito, como se fosse a minha salvação.

E levei dois, três minutos, na sala de janelas absurdamente abertas, diante de um desconhecido, para compreender que o milagre acabara; alguém viera e batera à porta, e ela abrira pensando que fosse eu, e então já havia também o carteiro querendo o recibo de uma carta registrada, e quando o telefone bateu foi preciso atender, e nosso mundo foi invadido, atravessado, desfeito, perdido para sempre – senti que ela me disse isso num instante, num olhar entretanto lento (achei seus olhos muito claros, há muito tempo não os via assim, em plena luz), um olhar de apelo e de tristeza onde entretanto ainda havia uma inútil, resignada esperança.

Rubem Braga

www. releituras. com

94 - (UERJ)

Figuras de linguagem – por meio dos mais diferentes mecanismos – ampliam o significado de palavras e expressões, conferindo novos sentidos ao texto em que são usadas.

A alternativa que apresenta uma figura de linguagem construída a partir da equivalência entre um todo e uma de suas partes é:

a) “que um homem e uma mulher ali estejam, pálidos, se movendo na penumbra como dentro de um sonho?” (l. 5-7)

b) “Entretanto a cidade, que durante uns dois ou três dias parecia nos haver esquecido, voltava subitamente a atacar.” (l. 8-10)

c) “batia com os nós dos dedos, cada vez mais forte, como se tivesse certeza de que havia alguém lá dentro.” (l. 15-17)

d) “Mas naquela manhã ela se sentiu tonta, e senti também minha fraqueza;” (l. 37-38)

TEXTO: 66 - Comum à questão: 95

De repente, a enxada ficou pesada. Belarmino sentia dificuldades em manejá–la. A cova, onde a maniba subia, ora se distanciava, ora de avizinhava. As ervas desapareciam. Depois, tornavam à posição antiga. Os seus olhos se fechavam e se abriam, a luz do sol incomodando–o, a cabeça registrando uma pontada de dor, esporeando–o, a aumentar quando se movimentava, como se tivesse um paralelepípedo dentro, girando em meio a espinhos de mandacaru.

Como um paralelepípedo poderia entrar em sua cabeça? E espinhos? Vamos assuntar, homem.

Com dificuldades, arrumou–se. Voltaria para casa. Prosseguiria na limpeza das covas no dia seguinte. Hoje não dava mais. A cabeça não deixava. Pensou no que poderia lhe ter feito mal. A comida fria, talvez, embora fosse a mesma todos os dias. Talvez a pressa com que se alimentou. Ou a água da fonte um tanto quente. Mas tudo era repetitivo do dia anterior. Daí, não encontrar resposta satisfativa. O organismo já estava acostumado a tudo. Até à fome. Sem reclamar.

E reclamar pra quem, afinal?

Guardou a enxada debaixo das palhas do coqueiro, colocou a lata da comida na sacola de papel, a cabeça doendo como o diabo – talvez, tivesse de ir à cidade à procura do médico, besteira, Belarmino, amanhã estaria melhor, e fechando o colchete de arame farpado, palmilhou o caminho de casa, passo devagar, os olhos sem enxergar direito. De uma coisa sabia; bêbado não estava. Aliás, beber quase não fazia. Uma pinga aqui e ali, num dia de frio, pra esquentar o corpo.

E que é de ferro, responda?

(Vladimir Souza Carvalho. água de cabaça. Revelação. Curitiba: Juruá. 2006, p.53)

95 - (UFS SE)

Os seus olhos se fechavam e se abariam... (1º Parágrafo)

A mesma figura de linguagem encontrada acima está também na frase:

a) De repente, a enxada ficou pesada. Belarmino sentia dificuldades em manejá–la.

b) A cova, onde a maniba subia, ora se distanciava, ora se avizinhava.

c) ... como se tivesse um paralelepípedo dentro, girando em meio a espinhos de mandacaru.

d) Talvez a pressa com que se alimentou. Ou a água da fonte um tanto quente.

e) ... palmilhou o caminho de casa, passo devagar, os olhos sem enxergar direito.

TEXTO: 67 - Comum à questão: 96

E disse [Deus]: Certamente tornarei a ti por este tempo da vida; e eis que Sara tua mulher terá um filho. E Sara escutava à porta da tenda, que estava atrás dele.

E eram Abraão e Sara já velhos, e adiantados em idade; já a Sara havia cessado o costume das mulheres.

Assim, pois, riu-se Sara consigo, dizendo: Terei ainda deleite depois de haver envelhecido, sendo também o meu senhor já velho? (...)

E concebeu Sara, e deu a Abraão um filho na sua velhice, ao tempo determinado, que Deus lhe tinha falado.

(www.*bibliaonline.com.br*, Gn 18, 10-12; 21, 2.)

96 - (UNIFESP SP)

No trecho, afirma-se que Abraão e Sara já estavam *adiantados em idade* e que a Sara já *havia cessado o costume das mulheres*. Essas expressões são

a) eufemismos, que remetem, respectivamente, à velhice e ao ciclo menstrual.

b) metáforas, que remetem, respectivamente, à idade adulta e ao vigor sexual.

c) hipérboles, que remetem, respectivamente, à velhice e à paixão feminina.

d) sinestesias, que remetem, respectivamente, à decrepitude e à sensualidade.

e) sinédoques, que remetem, respectivamente, à idade adulta e ao amor.

TEXTO: 68 - Comum às questões: 97, 98

Do amor à pátria

São doces os caminhos que levam de volta à pátria. Não à pátria amada de verdes mares bravios, a mirar em berço esplêndido o esplendor do Cruzeiro do Sul; mas a uma outra mais íntima, pacífica e habitual - uma cuja terra se comeu em criança, uma onde se foi menino ansioso por crescer, uma onde se cresceu em sofrimentos e esperanças plantando canções, amores e filhos ao sabor das estações.

Sim, são doces as rotas que reconduzem um homem à sua pátria e tão mais doces quanto mais ele teve, viu e conheceu outras pátrias de outros homens. Assim eu, ausente pela segunda vez de uma ausência de muitos anos quando, dentro da noite a bordo, os dedos a revirar o dial do ondas-curtas, aguardava o primeiro balbucio de minha pátria como um pai à espera da primeira palavra do seu filho. O coração batia-me como batera um dia, à poesia sonhada, ou como uma outra vez, diante de uns olhos de mulher.

– O senhor tem certeza de que isso é mesmo um ondascurtas?

O camareiro norueguês, grande e tranqüilo, limitou-se a sorrir misteriosamente. Depois, humano, inclinou-se sobre o aparelho, o ouvido atento, e pôs-se a tentar por sua vez. As ondas sonoras iam e vinham verrumando minha angústia.

Onde estava ela, a minha pátria que não vinha falar comigo ali dentro do mar escuro?

E de repente foi uma voz que mal se distinguia, balbuciando bolhas de éter, mas pensei no meio delas distinguir um nome: o nome de Iracema. Não tinha certeza, mas pareceu-me ouvir o nome de Iracema entre os estertores espásmicos do aparelho receptor.

Deus do céu! Seria mesmo o nome de Iracema?

Era sim, porque logo depois chegou a afirmar-se, mas quase imperceptível, como se pronunciado por um gnomo montado em minha orelha. Era o nome de Iracema, da Rádio Iracema, de Fortaleza, a emissora dos lábios de mel, que sai mar afora, enfrentando os espaços oceânicos varridos de vento para trazer a um homem saudoso o primeiro gosto de sua pátria.

Adorável prefixo noturno, nunca te esquecerei! Foste mais uma vez essa coisa primeira tão única como o primeiro amigo, a primeira namorada, o primeiro poema. E a ti eu direi: é possível que o Padre Vieira esteja certo ao dizer que a ausência é, depois da morte, a maior causa da morte do amor. Mas não do amor à terra onde se cresceu e se plantou raízes, à terra a cuja imagem e semelhança se foi feito e onde um dia, num pequeno lote, se espera poder nunca mais esperar.

Agosto de 1953

(Vinicius de Moraes. Poesia completa e prosa. Rio de Janeiro: José

Aguilar, 1974, p. 597-598)

97 - (UNIFOR CE)

... e onde um dia, num pequeno lote, se espera poder nunca mais esperar.

A última frase do texto é exemplo de

a) ironia, a partir da referência de que *é possível que o Padre Vieira esteja certo*.

b) eufemismo, em que o segmento *se espera poder nunca mais esperar* substitui o verbo **morrer**.

c) antítese, com a oposição existente entre *pequeno lote* e o *berço esplêndido* da pátria.

d) personificação, pela aproximação dos sentimentos de um viajante à noção de pátria *a cuja imagem e semelhança se foi feito*.

e) pleonasmo, pois o cronista se repete intencionalmente, como reforço ao seu amor *à terra onde se cresceu*.

98 - (UNIFOR CE)

As ondas sonoras iam e vinham <u>verrumando minha angústia</u>. (4º parágrafo)

No segmento grifado há uma metáfora que pode ser corretamente explicitada como

a) aguçando meu sofrimento.

b) refletindo-se em minha espera.

c) deixando-me à espera de solução.

d) somando-se às minhas tentativas.

e) associando-se à expectativa de sucesso.

TEXTO: 69 - Comum à questão: 99

Leia com atenção um fragmento do poema extraído do livro *A Rosa do Povo*, de Carlos Drummond de Andrade, e responda às questões.

A Flor e a Náusea

Preso à minha classe e a algumas roupas,

Vou de branco pela rua cinzenta.

Melancolias, mercadorias espreitam-me.

Devo seguir até o enjôo?

Posso, sem armas, revoltar-me?

Olhos sujos no relógio da torre:

Não, o tempo não chegou de completa justiça.

O tempo é ainda de fezes, maus poemas, alucinações e espera.

O tempo pobre, o poeta pobre

fundem-se no mesmo impasse.

Em vão me tento explicar, os muros são surdos.

Sob a pele das palavras há cifras e códigos.

O sol consola os doentes e não os renova.

As coisas. Que tristes são as coisas, consideradas sem ênfase.

(...)

Uma flor nasceu na rua!

Passem de longe, bondes, ônibus, rio de aço do tráfego.

Uma flor ainda desbotada

ilude a polícia, rompe o asfalto.

Façam completo silêncio, paralisem os negócios,

[21.]garanto que uma flor nasceu.

[22.]Sua cor não se percebe.

Suas pétalas não se abrem.

Seu nome não está nos livros.

[25.]É feia. Mas é realmente uma flor.

[26.]Sento-me no chão da capital do país às cinco horas da tarde

e lentamente passo a mão nessa forma insegura.

Do lado das montanhas, nuvens maciças avolumam-se.

Pequenos pontos brancos movem-se no mar, galinhas em pânico.

[30.]É feia. Mas é uma flor. Furou o asfalto, o tédio, o nojo e o ódio.

99 - (FEI SP)

"*O sol consola os doentes e não os renova*" (verso 13) é exemplo de qual das figuras de linguagem?

a) hipérbole

b) metonímia

c) onomatopéia

d) eufemismo

e) personificação

GABARITO:

1) Gab: A

2) Gab: D

3) Gab: A

4) Gab: D

5) Gab: D

6) Gab:A

7) Gab: D

8) Gab:A

9) Gab: D

10) Gab: C

11) Gab: E

12) Gab: D

13) Gab: B

14) Gab: C

15) Gab: D

16) Gab: C

17) Gab: B

18) Gab: E

19) Gab: C

20) Gab: A

21) Gab: B

22) Gab: D

23) Gab: A

24) Gab: C

25) Gab: A

26) Gab: A

27) Gab: A

28) Gab: B

29) Gab: C

30) Gab: E

31) Gab: C

32) Gab: E

33) Gab: B

34) Gab: E

35) Gab: B

36) Gab: A

37) Gab: B

38) Gab: B

39) Gab: C

40) Gab: E

41) Gab: B

42) Gab: E

43) Gab: C

44) Gab: A

45) Gab: B

46) Gab: D

47) Gab: E

48) Gab: B

49) Gab: C

50) Gab: D

51) Gab: D

52) Gab: B

53) Gab: B

54) Gab: A

55) Gab: C

56) Gab: B

57) Gab: C

58) Gab: B

59) Gab: E

60) Gab: B

61) Gab: A

62) Gab: C

63) Gab: C

64) Gab: C

65) Gab: E

66) Gab: C

67) Gab: D

68) Gab: E

69) Gab: C

70) Gab: B

71) Gab: C

72) Gab: E

73) Gab: E

74) Gab: A

75) Gab: B

76) Gab: B

77) Gab: E

78) Gab: B

79) Gab: D

80) Gab: B

81) Gab: E

82) Gab: C

83) Gab: D

84) Gab: A

85) Gab: E

86) Gab: B

87) Gab: D

88) Gab: D

89) Gab: D

90) Gab: C

91) Gab: E

92) Gab: E

93) Gab: C

94) Gab: B

95) Gab: B

96) Gab: A

97) Gab: B

98) Gab: A

99)Gab:E